



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“QUE NUNCA POR VENCIDOS SE CONHEÇAM” – A
EXPERIÊNCIA DE SER SOLDADO PARAQUEDISTA

Liliana Patrícia Ferreira Carmo

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR VICTOR AMORIM RODRIGUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2017

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professor Doutor Vítor Amorim Rodrigues apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Não posso começar de outra maneira que não seja a agradecer aos meus **pais**. São quem tornou possível que apresentasse esta dissertação e um orgulho para mim. Obrigada por me ajudarem neste caminho cheio de adversidades e nunca perderem a força.

Ao meu orientador, **Prof. Víctor Amorim**, por aceitar este tema e por me encorajar.

Aos meus **participantes**, que foram excepcionais e mostraram-se disponíveis para que isto fosse possível.

Ao meu namorado, **Liubomyr**, por, mais do que ninguém, ter a capacidade de me fazer lutar pelo que amo, e por todo o amor que demonstra todos os dias. És um verdadeiro herói.

Às minhas meninas, **Filipa, Irina e Daniela**, por serem as irmãs que nunca tive e me acompanharem nos últimos 10 anos da minha vida. Esgotam-me a paciência como ninguém e dão-me o melhor carinho que uma amiga pode pedir.

À **Ana Silva**, por ser um poço de paciência para mim e por batalhar comigo neste último ano. Foste das melhores surpresas que o ISPA me deu e a tua empatia não deixa de me surpreender e fascinar.

À **Sara Peixoto**, pela amizade improvável que começou em boleias e se tornou no que de tão especial temos hoje. És uma num milhão e nunca quero que mudes, “Jake”.

Aos meus **revolucionários** que são o meu verdadeiro suporte no ISPA. Foram vocês que me mais me fizeram rir, chorar, irritar, gritar, e revoltar. Vocês têm um cantinho especial em mim, para sempre, e, por mais anos que passem, nunca vamos conseguir combinar *aquela* jantar como queremos. Mas eu não queria a nossa amizade de outra maneira.

À **Joana S.**, o meu pinguim. À **Mariana S.** e à **Marta A.**, por serem ótimas professoras na praxe (e na vida). À **Actuatuna**, que entre coisas boas e más me fez crescer e é muito especial. Ao **Diogo P.**, pela tua capacidade extraordinária de aturares dúvidas sobre a tese que só poderiam existir na minha cabeça. Aos **Filhos da Psi**, que são únicos. Ao **Marcel**, que é o meu espelho. E a todos que não consigo mencionar e que foram fazendo parte deste percurso e o enriqueceram. A todos, muito obrigada.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo principal explorar e compreender a experiência vivida de soldados paraquedistas, através do olhar dos mesmos, ou seja, pretende-se descrever as suas experiências vividas. A metodologia aplicada para tal é o método fenomenológico IPA, para que seja possível estudar e compreender os fenómenos vividos por diferentes indivíduos e, conseqüentemente, alcançar uma descrição final com os constituintes essenciais e permanentes desta experiência. A amostra é constituída por 4 participantes do sexo masculino que ocupam o cargo de soldados paraquedistas, com idades compreendidas entre os 22 e os 27 anos. Os resultados indicam que a experiência em estudo envolve uma diversidade de sentimentos, relacionada com os principais temas comuns a todos os participantes, designadamente as razões da escolha, os momentos críticos (dificuldades e sofrimento), a resiliência, a identidade paraquedista (conquista do medo e identidade), criação de laços, e mudanças no ser e estar-no-mundo.

Palavras-chave: Soldado, Paraquedista, IPA, Experiência, Fenomenologia

Abstract

This study has as main objective to explore and understand the lived experience of paratroopers soldiers, through the eyes of those who experience it, which means that what is intended is to describe their lived experience. The methodology applied in this study is the phenomenological method IPA, so that it can be possible to study and understand the phenomena experienced by different individuals and, consequently, reach a final description with the essential and permanent constituents of this experience. The sample consists of four male participants who are paratroopers and soldiers, with ages between 22 and 27 years old. The results show that the experience involves a diversity of feelings related to the key themes that are common to all the participants, being those the reasons for choosing, critical moments (difficulties and suffering), resilience, paratrooper identity (conquering fear and identity), bonding, and changes in being and being-in-the-world.

Keywords: Soldier, Paratrooper, IPA, Experience, Phenomenological

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico	2
1. Militarismo	2
1.1. <i>Processo de Recruta e Escolha</i>	2
1.2. <i>Serviço, Cultura e Coesão Militar</i>	4
1.3. <i>Características da Personalidade e Identidade Militar</i>	6
2. Tropas Paraquedistas	9
2.1. <i>História das Tropas Paraquedistas</i>	9
2.2. <i>Traços de Personalidade e Identidade Paraquedista</i>	12
Capítulo II: Metodologia	16
<i>Objetivos do Estudo</i>	16
<i>Participantes</i>	16
<i>Material</i>	16
<i>Procedimento</i>	17
<i>Investigação Qualitativa</i>	17
<i>Método Fenomenológico</i>	18
<i>Interpretative Phenomenological Analysis (IPA)</i>	19
Capítulo III: Apresentação dos Resultados	22
Capítulo IV: Discussão	33
Referências Bibliográficas	39
Anexos	43

Introdução

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica no ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, enquadrado no contexto de uma investigação qualitativa, e através de uma leitura fenomenológica à luz do método IPA (Interpretative Phenomenological Analysis), o presente estudo tem como objetivo primordial a descrição e compreensão da experiência de sujeitos que são soldados paraquedistas, através da visão dos próprios.

No que respeita à motivação pessoal, o presente tema surge a partir da curiosidade em relação à vida militar, uma vez que o investigador do mesmo conhece algumas pessoas que fazem parte desse meio profissional. Esta curiosidade, aliada ao facto de ser um tema pertinente na atualidade, foram os impulsionadores do estudo, pretendendo-se refletir sobre ser soldado paraquedista e explorar as várias lacunas que possam existir em estudos sobre o mesmo.

Assim, este estudo tem o seu início numa revisão da literatura existente acerca do tema em estudo, de modo a entender que tipo de estudos já foram realizados, bem como os seus objetivos, as suas lacunas – como supramencionado –, as suas potencialidades, e perceber de que modo este mesmo estudo pode contribuir para os existentes. Assim, esta revisão de literatura divide-se em duas grandes partes: o militarismo e as Tropas Paraquedistas.

Num segundo momento será explicitada a metodologia do estudo. Esta inicia-se pela explicação do objetivo do estudo, seguidamente uma descrição dos participantes – tendo em conta o seu anonimato –, uma explanação dos materiais utilizados, como se procedeu à recolha dos dados utilizados no estudo, e, por fim, descrições da investigação qualitativa, do método fenomenológico, e do método propriamente dito e utilizado, o Interpretative Phenomenological Analysis (IPA).

Num terceiro momento, serão apresentados os resultados obtidos, respeitando os princípios do método supracitado. Por fim, é realizada uma discussão destes mesmos resultados em jeito de conclusão, criando um diálogo com a literatura existente, apresentando as limitações deste estudo, bem como as suas potencialidades e propostas para investigações futuras.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

1. Militarismo

1.1. Processo de Recruta e Escolha

O fim do Serviço Militar Obrigatório em Portugal deu origem ao processo de profissionalização das Forças Armadas. Este processo teve o seu início em 1999, tendo ficado concluído em Setembro de 2004. Com esta mudança, as instituições militares tornaram-se inteiramente dependentes de um efetivo voluntário (Martinez, 2016). Uma vez que o exército português é dos poucos a nível mundial em que não é permitida a profissionalização de Praças (classe base), podendo apenas permanecer neste posto, atualmente, pelo período de sete anos, o seu efetivo é constituído por jovens, homens e mulheres com idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos de idade, que se voluntariam inicialmente para o curso de formação de praças (CFP) e, caso seja ultrapassado com sucesso, para o exercício de funções na unidade militar (Silva, 2012).

O dia de incorporação no Exército Português, no âmbito do curso supracitado, é o primeiro dia de uma formação inicial que se desdobra em duas fases distintas, com uma duração total de 12 semanas. A instrução básica, mais conhecida como recruta, tem uma duração de cinco semanas, sendo que incide, especialmente, no desenvolvimento de competências específicas do contexto militar, tais como o treino de ordem unida, ginástica militar, postos, uniformes, orientação geográfica, treino de tiro com espingarda G3, e sobrevivência. Se, findada esta fase, os instruendos obtiverem uma classificação positiva, são reconhecidos como os novos soldados de Portugal, na cerimónia do Juramento de Bandeira, onde familiares e amigos são convidados a testemunhar o seu compromisso com a Pátria (Silva, 2012).

De seguida, é-lhes ministrada a formação complementar, também chamado de curso de combate, com uma duração de sete semanas, e incide no ensinamento e treino de técnicas individuais de combate. Terminada esta formação inicial, os soldados que obtiveram aproveitamento são mobilizados para outras unidades a fim de receberem instrução relativa à função/especialidade, sendo que, no caso deste estudo, a especialidade é a de Paraquedismo. Esta fase de especialidade tem, igualmente, uma duração de sete

semanas durante as quais os militares adquirem competências técnico-militares inerentes à arma que representam e/ou especialidade que irão exercer, habilitando o instruído para uma panóplia de cargos que compreendem funções e tarefas similares e cujo exercício exige algumas competências semelhantes (Silva, 2012). Ultrapassadas estas fases de instrução e formação, procede-se à distribuição dos militares pelas unidades alocadas por todo o território nacional, tendo em conta critérios como as carências das próprias unidades, escolha do próprio militar e as classificações no final da especialidade (Silva, 2012).

Uma vez que o exercício militar impõe o comprometimento da própria vida a serviço da pátria e para o bem da nação (Barish, 2006) e com o final do Serviço Militar Obrigatório, diversos autores têm virado as suas atenções para as razões que levam um indivíduo a escolher a carreira militar, levando ao nascimento de diversas teorias.

Contudo, a grande parte dos autores que estudaram este tema chegaram a conclusões semelhantes, de que existem quatro razões principais que levam a esta escolha que, apesar de distintas, não são oponentes, mas sim complementares para uma melhor compreensão desta temática (Silva, 2012).

Uma dessas razões é a influência familiar, normalmente em indivíduos com familiares que pertenceram a alguma vertente do exército (Molina & Dia, 2012, e Bachman, Segal, Freedman-Doan & O'Malley, 2000). Estão, também, presentes as razões monetárias, onde os indivíduos se alistam no exército de modo a obter uma consequência desejada (salário), sendo que, em Portugal, se deve também ao aumento do desemprego nos últimos anos, principalmente em indivíduos jovens, do sexo masculino e com pouca escolaridade (Chambel, Castanheira, Oliveira-Cruz & Lopes, 2015, e Martinez, 2016). As oportunidades de auto-desenvolvimento também constituem uma das razões que levam à escolha da carreira militar, uma vez que os soldados recebem o treino de recruta que promove o desenvolvimento de diferentes competências técnicas e comportamentais e, além disso, no seu trabalho militar, têm a oportunidade não só de usar essas competências, bem como de desenvolvê-las (Chambel et al., 2015, e Bachman et al., 2000). Por último, está a presença de determinados valores, atitudes e comportamentos, tais como o patriotismo, tendência para comportamentos agressivos, gosto pela atividade física, o sentimento de dever cívico, admiração pela carreira, e intimidade com as normas e procedimentos inerentes à mesma (Bachman et al., 2000; Chambel et al., 2015, e Martinez, 2016).

Contudo, no sistema voluntário a escolha da carreira é feita por duas partes: as Forças Armadas e o indivíduo que se voluntaria. Para se ser aceite em qualquer uma das vertentes do serviço militar, o voluntário tem de atingir determinados requisitos mínimos impostos pelas Forças Armadas, tais como determinados resultados nos testes de aptidão, condição física, carácter moral, entre outros (Bachman et al., 2000). Posto isto, torna-se pertinente perceber como funciona e em que consiste este meio no qual os indivíduos que se alistam vão ingressar.

1.2. Serviço, Cultura e Coesão Militar

O ingresso na vida militar é acompanhado da exigência de observância e obediência a regras disciplinares e preceitos hierárquicos que condicionam a vida pessoal e profissional do sujeito (Kegler & Macedo, 2015). Barish (2006) descreve que o serviço militar envolve uma dedicação total ao trabalho, uma vez que este obriga o militar a comprometer a sua própria vida em atividades bélicas, na defesa da pátria, na garantia dos poderes constitucionais e da lei e da ordem. Entre as características do serviço militar, destacam-se os princípios da ordem hierárquica e disciplina, sendo o desrespeito à hierarquia considerado crime mediante a conceção de que o militar jamais deve contrapor-se à Instituição a que pertence e ao próprio Estado, devendo-lhes fidelidade irrestrita.

O serviço militar tem, ainda, sido caracterizado como “moratorium” na transição para a vida adulta, um período durante o qual os jovens podem adiar responsabilidades adultas tais como o casamento, parentalidade, transição da casa dos pais para casa própria, e adquirir uma carreira a tempo inteiro. Mas o serviço militar tem vindo a evoluir e passou a ser cada vez menos um intervalo entre a juventude e a idade adulta, tornando-se mais uma experiência através da qual os jovens se tornam adultos. Posto isto, o serviço militar enfatiza determinados componentes para a transição para a idade adulta, tais como a responsabilidade, melhor saúde física através do treino constante, auto-melhoria, e compromisso cívico. O crescimento pessoal tem o seu lugar através de um *setting* altamente estruturado, dentro do qual os membros sabem que as suas necessidades básicas estão asseguradas: ordenado razoável, serviço médico gratuito, hospedagem, benefícios educacionais e treino (Kelty, Kleykamp & Segal, 2010).

Contudo, embora o serviço militar proporcione vários apoios para uma transição bem-sucedida para a vida adulta, os riscos físicos e psicológicos - tais como o *stress* pós-traumático, experiências sexuais traumáticas (principalmente em mulheres), depressão, suicídio -, que são ampliados em tempo de guerra, podem interferir com as relações interpessoais e diminuir a independência. Além disso, a cultura militar desencoraja o seu pessoal a procurar ajuda médica para distúrbios psicológicos e cognitivos, sendo o medo de repercussões negativas na carreira, estigmatização pessoal, e potencial perda de confiança dos pares, as razões mais apontadas para o evitamento da procura de ajuda profissional (Kelty, Kleykamp & Segal, 2010).

Para Dorn, Graves, e Ulmer (2000), a cultura militar é, essencialmente, a forma como as coisas são feitas nas organizações militares. É o conjunto de valores, costumes, tradições e base conceptual que ao longo do tempo se tornaram o carácter da profissão militar. É da cultura militar que surge um quadro comum para aquilo que se espera dos militares, em termos de comportamento, disciplina, trabalho de equipa, lealdade, dever altruísta e dos valores que suportam esses elementos. Contudo, ainda é a guerra que determina os valores que definem a cultura militar. Esta é uma tentativa de lidar, e se possível ultrapassar, a incerteza da guerra, impondo-lhe um padrão, controlando o seu resultado e dando-lhe um significado. Esta cultura militar supranacional é mais coletivista, mais hierárquica e menos orientada para as recompensas monetárias do que a cultura média das organizações (Sousa, 2015).

Do estudo realizado por Sousa (2015) resultou que a cultura nacional militar é caracterizada por uma elevada distância ao poder, é coletivista, equilibrada entre masculinidade e feminilidade, tem elevada aversão à incerteza, é equilibrada entre orientação para curto *versus* longo prazo e tem baixa indulgência *versus* restrição.

Quando um indivíduo se alista, torna-se parte desta cultura, e é inserido num grupo onde é essencial que exista coesão grupal, que se prende com o processo dinâmico que se reflete na tendência de um grupo a unir-se e manter-se unido na perseguição das suas metas e objetivos. Esta definição tem duas qualidades que se mostram relevantes para os grupos militares: o facto de que os grupos coesos se mantêm unidos, e que esta coesão é mantida na perseguição de um propósito comum (Kirke, 2010). Assim, John H. Johns (1984) define coesão militar como a união de membros de uma organização/unidade de forma a sustentar a sua força de vontade e compromisso uns com os outros, com a sua unidade e com a sua missão. Porém, a coesão militar não se dá apenas como fruto de

relações pessoais, mas também de rituais formais que são “aplicados” aos soldados, como por exemplo no treino intensivo (King, 2006).

1.3. Características da Personalidade e Identidade Militar

Uma vez que o serviço militar, onde existe uma cultura militar já enraizada, impõe o comprometimento da vida do indivíduo voluntário à pátria, e com todas as especificidades que a carreira militar engloba, vários autores tentaram definir as características e traços de personalidade que um indivíduo deveria possuir para que pudesse ingressar na carreira militar e ter sucesso na mesma, tendo em conta as características valorizadas pelas Forças Armadas, bem como as características apontadas pelos militares envolvidos nos seus estudos.

Posto isto, e uma vez que os valores militares se prendem com a devoção ao trabalho, atenção ao detalhe e perfeccionismo (Fiedler, Oltmanns & Turkheimer, 2004), é essencial que os militares possuam componentes sociais, que se constituem por atributos como a camaradagem e a solidariedade, que são altamente promovidos e valorizados no ambiente de trabalho militar, onde acabam por se produzir trocas afetivas que podem ser consideradas pontos de apoio do sujeito no circuito social (Kegler & Macedo, 2015, e Rydstedt & Österberg, 2013). Molina e Dias (2012) acrescentam que os militares deverão ser capazes de se desligar da família, saber seguir e cumprir regras e ordens (ainda que em desacordo com as mesmas), ter disciplina, e, ainda, ser capazes de suportar as frustrações e os limites da dedicação à sua vida profissional - ao que os autores denominam de masculinidade, uma vez que o comportamento masculino é fruto de uma série de transformações ocorridas na sociedade, associadas principalmente à origem de algumas instituições, tais como as Forças Armadas e, especificamente, o Exército (Oliveira, 2004). A estas características, juntam-se a capacidade de adaptação, nomeadamente a situações indutoras de *stress* (Molina & Dias, 2012, e Rydstedt & Österberg, 2013), a autoconfiança (Rydstedt & Österberg, 2013), a conscienciosidade (Molina & Dias, 2012, e Fiedler et al., 2004) e estabilidade emocional (Fiedler et al., 2004).

Apesar das características supracitadas serem necessárias para o sucesso na carreira militar, espera-se, também, que o militar seja capaz de adequar as suas características aos valores e exigências da Instituição Militar que representa.

Estes valores representam um fator dominante, na medida em que concorrem para a componente moral que norteia a ação dos militares de uma forma geral e na tomada de decisão dos seus comandantes em contextos adversos e de elevado *stress*. A profissão militar tem valores bem vinculados e cimentados na sua estrutura, pois é uma profissão que se encontra ao serviço de um estado democrático e está, portanto, assente em valores morais, espirituais e sociais que definem o carácter fundamental da Nação, tais como: a verdade, a justiça, a honestidade, a dignidade humana, a imparcialidade, a igualdade e a responsabilidade pessoal. O termo “valores militares” é usado para expressar a identidade, a base de formação do carácter de um militar e/ou o espírito militar. Assim, os militares estão dispostos a sacrificar a sua identidade pessoal em prol da identidade coletiva, o que explica a sua descrição (Neves, D., 2015).

O serviço militar pode levar a mudanças na identidade, quer a nível pessoal, como na sua relação com o mundo exterior. Este conceito de identidade está intimamente ligado ao de crenças sobre o próprio e o mundo, embora o termo identidade implique que tais crenças sejam relativamente permanentes e resistentes à mudança (Brewin, Garnett & Andrews, 2010).

Há a ideia de que um militar se representa de maneira semelhante em todas as dimensões da sua vida e em qualquer situação, mesmo durante as folgas, ou mesmo quando reformado, sendo visível no estudo de Lopes e Leite (2015) quando os participantes relatam que o seu exercício militar ultrapassa o contexto laboral. Os participantes do estudo supracitado, ao afirmarem que o seu ofício os constitui, indicam que a consolidação de outros identificadores pessoais se sobrepõem à sua identidade profissional. Neste sentido, o papel do militar extrapola a natureza profissional e a atividade deixa de ser simplesmente o que faz e passa a constituir quem é. Estar à paisana, ou seja, com roupa civil, não confere a desobrigação da sua atividade. Locais de permanência constante no qual os indivíduos realizam atividades laborais, de lazer e até mesmo residem, são instituições que não permitem aos militares a liberdade de objetivos. Assim, cada um deve procurar adequar os seus valores e desejos aos da Instituição (Leite & Lopes, 2015). É nessa lógica que se formam os militares, tomando para si os interesses

da organização e, mais do que isso, tendo as suas próprias personalidades configuradas com base em tais interesses.

Também os relatos dos participantes do estudo de Kegler e Macedo (2015) mostram que o regulamento deliberativo das condutas militares representa um modelo identificatório fundamental, assim como o próprio uniforme militar se figura como um invólucro narcísico mediante o qual o sujeito se reconhece a partir de um valor social atribuído à sua condição. Tal identificação com a profissão militar, socialmente valorizada, está intimamente associada à autoestima. Para alguns dos militares deste estudo, desempenhar um modelo, para os filhos, de competência no trabalho e obter êxito e reconhecimento pelas tarefas realizadas configuravam-se como experiências satisfatórias que iam ao encontro dos projetos profissionais.

Segundo Daley (1999) e Zirker, Danouopoulos e Simpson (2007), a identidade militar, embora tecnicamente vocacional, é similar a uma identidade étnica. Veteranos e militares têm uma linguagem sua que os distingue dos civis, são encorajados a pôr as necessidades do grupo acima das próprias necessidades, têm costumes e valores únicos e próprios, partilham experiências próximas que os separam da população civil, e consideram o estatuto de veterano como sendo algo para a vida toda.

Existe, ainda, um fenómeno contraintuitivo no qual os veteranos com lesões físicas ou psicológicas desejam voltar às suas unidades de combate. Outro fenómeno que está relacionado, inclui veteranos que continuam a usar privilégios militares, têm um forte sentido de comunidade ligado ao exército, e que se sentem ligados aos outros veteranos por vezes até décadas após a dispensa. Uma das explicações possíveis pode ser o forte sentimento de identidade militar (Lancarster & Hart, 2015). Ainda no que respeita a veteranos, no estudo levado a cabo por Brewin et al. (2010), existe a ideia, por parte dos veteranos, de que a vida militar alterou a sua identidade, bem como um sentimento de estranheza e isolamento vindo da sensação de que existe um estigma relativamente ao mundo militar. Descreveram também, no estudo supracitado, um sentimento de desânimo e infelicidade relativo à discrepância percebida entre o orgulho e valor próprio que sentiam quando estavam nas Forças Armadas, e a forma como a sociedade em geral vê ex-militares.

Apesar destas características e desta identidade militar serem comuns a todos os militares, incluindo as Tropas Paraquedistas, estas últimas possuem determinadas especificidades que exigem que o soldado possua algumas características que não são exigidas noutras Tropas. Estas especificidades levam a que também a sua identidade seja

diferente da identidade militar em determinados aspetos que serão explorados posteriormente.

2. Tropas Paraquedistas

2.1. História das Tropas Paraquedistas

No âmbito da atuação, missão e tarefas das unidades de Tropas Especiais, utiliza-se a terminologia Tropas Especiais para efetuar referências a tropas que são alimentadas por um processo de recrutamento e seleção específicos, são sujeitas a uma formação também criteriosa, normalmente associada a uma grande exigência física e psicológica e um treino também muito exigente e específico que permita a sua elevada prontidão e atuação em condições de elevada complexidade e risco ou associadas a missões de caráter especial ou que vão para além daquelas que normalmente são atribuídas às outras Forças. Esta terminologia está normalmente associada às Tropas de Operações Especiais, às tropas Comando, às tropas Paraquedistas e aos Fuzileiros da Armada (Pacheco, 2015).

Segundo a história, os paraquedistas surgiram em Portugal em 1955. Contudo, antes dessa data existiram militares portugueses a efetuar saltos de paraquedas e a frequentar cursos de paraquedismo. Tem-se como exemplo o Capitão Costa França e o Tenente José de Barros que realizaram, em 1922, um salto de paraquedas a partir de um balão em voo. Além deste exemplo, temos também os militares portugueses que, em 1953, frequentaram o curso de paraquedismo militar na École des Troupes Aeroportées (ETAP), em França (Neves, 2015).

No início de 1955, são pedidos voluntários às Forças Armadas portuguesas para ingressar no curso de paraquedismo militar, realizado na Escuela Militar de Paracaidistas Mendes Parada, em Alcantarilha. Dos que concorreram, apenas 232 militares, oficiais, sargentos e praças foram dados como aptos, sendo que apenas 194 militares vieram a concluir com sucesso aquele que é chamado o “Curso de Espanha”. Isto veio permitir o verdadeiro arranque do paraquedismo militar organizado em Portugal, começando então a surgir a ideia de que devia existir a criação dos paraquedistas, uma força de elite, e que deveria de ser no seio da recém-criada Força Aérea Portuguesa. No final deste que foi considerado o primeiro curso de paraquedismo, estiveram presentes os responsáveis

portugueses mais altos para assistir aos saltos e presidir à cerimónia de entrega de distintivos de paraquedistas e boinas, nesta que foi a primeira entrega de boinas às forças militares em Portugal (Neves, 2015).

Contudo, esta integração não era bem vista pelo Exército Português, pois passaria, assim, a existir uma outra força constituída por militares que combatiam em terra, assim como a Infantaria, organizadas para serem lançadas de paraquedas. E tudo isto no seio da nova organização que era a Força Aérea Portuguesa (Lousada, 2011).

Em Agosto de 1955, no dia da arma de Infantaria, surge, pela primeira vez, o Batalhão de Caçadores Paraquedistas (BCP), numa cerimónia em Lisboa. É neste dia que os novos paraquedistas fazem a sua apresentação à nação, no desfile que se constitui a primeira afirmação da nova unidade e a elegância e aprumo dos boinas verdes. Estava então consumada a criação das forças paraquedistas em Portugal, sediada em Tancos (Moutinho, 1970).

Nos primeiros tempos após a Revolução do 25 de Abril, viviam-se tempos conturbados em Portugal, e, portanto, também as forças paraquedistas não estavam na melhor posição, não fosse devido à ação consciente e profissional de muitos oficiais, sargentos e praças, teria sido o fim das forças paraquedistas em Portugal. Chega então o ano de 1975 e, com ele, a extinção do Regimento de Caçadores Paraquedistas (RCP), criado em 1961 como substituto do BCP, para dar lugar à criação do Corpo de Tropas Paraquedistas (CTP) (Neves, 2015).

Com o CTP já a funcionar em pleno em 1983, é-lhe atribuída a missão primária de construir uma reserva permanente do Comando-Chefe das Forças Armadas, com uma força de intervenção de aplicação versátil e rápida, para ações conjuntas ou isoladas. É assim que nasce a Brigada de Paraquedistas Ligeira (Briparas), que muito contribuiu para o número de efetivos existentes, que permitiu manter a Briparas empenhada enquanto o CTP continuava a funcionar normalmente (Machado & Carmo, 2003).

Após 35 anos de existência das forças paraquedistas portuguesas, já na década de 90, começam a surgir ideias e intenções de transferir os paraquedistas da Força Aérea Portuguesa para o seio do Exército Português, de modo a criar uma nova Brigada com paraquedistas e comandos. Esta medida não foi bem aceite pelas forças paraquedistas, mas nem as ações das diversas associações, nem o descontentamento dos militares conseguiram alterar esta vontade por parte do governo. Assim, as forças paraquedistas,

para não perderem força e conseguirem ter poder nesta transferência, optaram pela “participação de oficiais paraquedistas nos grupos de trabalho que se iriam formar no Estado-Maior do Exército”, pois esta medida “seria a melhor de forma a salvaguardar o que fosse possível” (Machado & Carmo, 2003).

No final do ano de 1994, deu-se a extinção do CTP e a criação do Comando das Tropas Aerotransportadas (CTAT) e, na que foi a última cerimónia do CTP, deu-se um marco na história dos paraquedistas com o arrear do guião da Força Aérea Portuguesa e içar do guião do Exército Português que, mais tarde, foi oficializado pelo Decreto-Lei 27/94 de 5 de Fevereiro. Esta mudança trazia para as tropas paraquedistas novos objetivos e, para tentar atingir esses objetivos, foram feitos enormes esforços pela mesma (Neves, 2015).

A 23 de Maio de 2006, em conjunto com todo o processo de reorganização do Exército Português, extinguiu-se o CTAT e foram alterados os nomes de algumas unidades, como é o caso da ETAT que passou a ser designada como Escola de Tropas Paraquedistas (ETP), a Área Militar de São Jacinto que passou a ser Regimento de Infantaria Nº 10 (RI10) e a Brigada Aerotransportadora Independente (BAI) que passou a ser a Brigada de Reação Rápida (Neves, 2015).

Atualmente, as forças paraquedistas portuguesas estão inseridas na Brigada de Reação Rápida e distribuídas por três unidades: a ETP, o RI10 e o Regimento de Infantaria Nº 15 (RI15). A ETPA, além de escola de formação de paraquedistas, engloba também o Batalhão Operacional Aeroterrestre e o Batalhão de Formação, estando os Batalhões de Infantaria Paraquedista divididos pelo RI10 e pelo RI15, respetivamente o 1BIPara e o 2BIPara (Neves, 2015).

Uma vez que as forças paraquedistas se inserem no Exército Português, torna-se relevante perceber qual a/o sua/seu missão/objetivo e os seus valores. Assim, a sua missão prende-se com a contribuição para a segurança e defesa de Portugal e dos portugueses, através da participação na defesa militar da república, do assegurar a geração, preparação e sustentação de forças e meios da componente operacional do sistema de forças, da participação em missões internacionais no âmbito das organizações internacionais, da participação em missões no exterior do Território Nacional na salvaguarda da vida e dos interesses dos portugueses, da execução de ações de cooperação técnico-militar, da cooperação, nos termos da lei, com as forças de segurança, da cooperação em missões de

proteção civil, e da colaboração em tarefas relacionadas com a satisfação das necessidades básicas e a melhoria da qualidade de vida das populações.

Por sua vez, os seus valores são (1) a disciplina como meio para atingir a unidade de esforço na prossecução dos efeitos desejados, (2) a honra decorrente da atitude honesta, firme e digna impostas no cumprimento do dever, mesmo que à custa dos maiores sacrifícios, (3) a lealdade como força anímica da disciplina, unificada na prática da verdade e na fidelidade aos princípios éticos, elementos basilares da camaradagem no Exército, (4) a coragem na forma como se enfrentam os riscos e as dificuldades, (5) a disponibilidade manifestada na permanente prontidão para servir, mesmo que com o sacrifício dos interesses pessoais, e (6) a transparência, decorrente da consciência do dever cumprido e pela certeza da neutralidade ao escrutínio dos seus processos, atitudes e práticas (Missão, 2016).

2.2. Traços de Personalidade e Identidade Paraquedista

O paraquedista militar é um combatente especializado, preparado para ser lançado atrás de linhas inimigas, a fim de conquistar objetivos importantes na manobra tática e estratégica dos escalões superiores do Ministério da Defesa. O militar paraquedista está envolvido por uma mística que é passada através dos tempos, pela própria instituição. Esta mística, em ser considerado por todos como um guerreiro alado que não teme o perigo, faz com que esta tropa seja diferente, considerada por muitos como uma tropa de elite, com rituais, símbolos e maneira de ser distintos dos demais (Dias, 2005).

Adorno (1995) acredita que ser combatente paraquedistas exige qualidades que não são comuns de se encontrar. Rusticidade, determinação, coragem, objetividade, confiança na instrução e no equipamento, resistência psicológica e estabilidade emocionais, são as qualidades exigidas nas situações mais diversas.

No estudo de Dias (2005), a confiança representa, para os militares, a maior característica dos paraquedistas. No discurso dos paraquedistas militares, a superação do medo é muitas vezes citada; a coragem vai desde a apresentação dos voluntários para fazer o curso, até à hora de saltar em local totalmente desconhecido, com vários equipamentos presos ao corpo, sendo, assim, a tradição de coragem que os paraquedistas

trazem na sua história, um aspeto bastante mencionado. A adrenalina, apesar de estar muito próxima da ideia de aventura, também faz parte do linguajar dos paraquedistas militares. A audácia é um traço marcante da tropa paraquedista; muitos entrevistados concordaram que o militar demonstra audácia ao tentar fazer o curso e encarar o período de instrução. O controlo é defendido como um traço marcante; o controlo de si mesmo em diversas situações é imprescindível, seja nos momentos mais fáceis, ou mais difíceis. A disciplina na atividade do paraquedismo é incontestável no meio militar, uma vez que nada pode ser feito sem treinamento prévio, aprovação ou autorização de algum militar qualificado para tal. A concentração é um aspeto considerado muito importante, tanto que um dos procedimentos previstos antes do salto é o de mentalizar tudo o que será desenvolvido após a saída da aeronave. A conquista, encarada como vitória, vitória em tornar-se um paraquedista e poder compartilhar do mesmo local de trabalho usando os símbolos que poucos no exército podem, é uma verdadeira conquista para estes militares.

Os militares vêm no facto de se tornar paraquedista um grande motivo de orgulho pessoal. Na fala dos militares, uma das suas maiores vitórias foi o facto de se terem tornado paraquedistas, conquistando o direito do uso da boina, e, além disso, o militar paraquedista ostenta a tradição de ser audaz em todas as atividades que desempenha na sua rotina e não apenas no salto (Dias, 2005).

Ainda no estudo de Thornborrow (2005), o autor fala-nos do “Tipo de pessoa” que acredita que a instituição quer, alguém que apresente “Iniciativa Aérea”. Este “Tipo de pessoa” aparenta ser alguém que não hesite em situações de combate e que esteja preparado para tudo. Parece, ainda, necessário que demonstre capacidades de resolução de problemas e que tenha vontade de participar numa cultura de “eu consigo”.

Assim, se estas são as características que se observam num soldado paraquedista, é importante entender de que modo estas se ligam à formação da identidade paraquedista.

O trabalho na identidade dos soldados é disciplinado não só pela conceção do que é ser paraquedista, mas também pela noção de como a identidade paraquedista é formada pelo Regimento. As identidades às quais os homens aspiram têm duas componentes: um entendimento do que significa ser paraquedista e uma descrição de como os paraquedistas são feitos (Thornborrow & Brown, 2009).

No estudo levado a cabo por Thornborrow e Brown (2009), a ansiedade dos soldados relativamente às suas identidades como paraquedistas foram sintetizadas por declarações dos participantes de que tinham de provar-se constantemente, com uma

inexistência de testes definitivos. Assim, as concepções idealizadas do que é ser paraquedista foram disciplinadas pela referência a discursos centrados no profissionalismo, elitismo e machismo, por parte dos próprios paraquedistas, onde parecem utilizar outras tropas para realizar comparações, o que leva à crença de que são melhores soldados (Thornborrow, 2005), e, no que respeita ao machismo, este leva à imagem de agressividade, dureza e aquilo a que o autor chama de “Homem difícil”, sendo estes os três pontos de um triângulo de atributos e características que os paraquedistas acreditam ter de possuir ou ser para corresponder à reputação que a Tropa Paraquedista tem.

As concepções partilhadas de que os paraquedistas são profissionais apoiam as afirmações de que gostam de laços simbólicos, históricos, ideológicos e institucionais que os separam de forma eficaz dos outros. O entendimento de si próprios como profissionais inscreve os paraquedistas num sistema de conhecimento especializado, constituindo-os como indivíduos autónomos responsáveis por regular a sua própria conduta. O discurso de profissionalismo encoraja cada indivíduo paraquedista a empenhar-se num “trabalho de legitimação”, reivindicando e procurando demonstrar competência através de ações apropriadas (Thornborrow & Brown, 2009).

Os paraquedistas são, ainda, inflexíveis quanto ao serem os melhores soldados. As referências ao elitismo são associadas a um vasto leque de afirmações, como as de serem fisicamente mais saudáveis, tecnicamente superiores, mais organizados e melhor adaptados a situações de conflito indutoras de *stress* do que qualquer outro soldado. A noção dos paraquedistas de que eles próprios são uma elite, é também a base da auto-disciplina, como uma forma de controlo normativa que promove o sentido de responsabilidade autónomo, o que leva os membros a investir não só o seu tempo e esforço, mas também os seus pensamentos, sentimentos e concepções de si próprios. Em suma, as crenças, coletivas e individuais, de que são uma unidade elite, não só fornece um grau de segurança ontológica, como também leva os paraquedistas disciplinados a querer alcançar uma alta performance, mesmo quando envolvidos em trabalhos aparentemente mundanos e repetitivos (Thornborrow & Brown, 2009).

Assim, a identidade paraquedista à qual os homens aspiram constitui ideais contra os quais os indivíduos se avaliam e medem o seu progresso ao longo do tempo numa busca de realização pessoal. Através da introspeção, examinam continuamente o seu progresso contra as normas institucionais, monitorizam-se para discrepâncias e falhas,

com o objetivo de determinar se já acumularam as experiências necessárias e se foram suficientemente profissionais, elitistas e machos (Thornborrow & Brown, 2009).

Além do supramencionado, os homens que se alistaram falam de como os oficiais no recrutamento e a equipa que administrou o treino básico, os tentaram dissuadir de se tornarem soldados paraquedistas, no estudo de Thornborrow e Brown (2009). A entrada nas forças paraquedistas é composta por uma série de testes físicos exaustivos, dos quais os participantes dizem ter sido um marco de distinção que eleva o Regimento e estes homens acima de todos os outros. Estes processos de seleção, treino e socialização são associados à atribuição de itens de vestuário, insígnias e equipamento altamente valorizados pelos homens, e, também, pela aprendizagem de um vocabulário especial que reforça o entendimento de que a identidade paraquedista tem de ser constantemente trabalhada.

Capítulo II: Metodologia

Objetivos do Estudo

O presente estudo está enquadrado no âmbito de uma investigação qualitativa. Esta investigação possui como objetivo principal a exploração e compreensão da experiência de sujeitos que são soldados paraquedistas, através do olhar dos mesmos, ou seja, pretende-se descrever as experiências vividas de soldados paraquedistas.

De uma forma mais particular, pretende-se analisar de um modo fenomenológico a experiência vivenciada por soldados paraquedistas, com a intenção de entender a essência dos significados subjetivos associados ao ser soldado paraquedista. A pertinência deste tema prende-se com a necessidade de desenvolver conhecimentos e aptidões para uma melhor compreensão desta experiência, uma vez que existem poucos dados na literatura sobre este tema, e os que existem não têm o seu foco na experiência vivida destes soldados, fazendo com que esta investigação torne a compreensão da experiência mais significativa, uma vez que inclui relatos na primeira pessoa.

Participantes

Tal como o IPA pressupõe, a amostra é homogénea (Langdridge, 2007), sendo composta por quatro participantes que ocupam o posto de soldado paraquedista e exercem funções neste momento. Os quatro participantes deste estudo têm idades compreendidas entre os 22 e 27 anos, sendo que têm tempos de serviço compreendidos entre os 3 e os 6 anos e todos têm o estado civil de solteiro.

Material

O método eleito foi a entrevista presencial, uma vez que é o meio principal para que se consiga obter uma descrição detalhada e completa da experiência dos entrevistados, bem como as explicitações de significado sobre o fenómeno descrito. As entrevistas efetuadas neste estudo foram gravadas num telemóvel em formato áudio e transcritas integralmente para um computador portátil.

O tratamento dos dados recolhidos nas entrevistas foi realizado através do método fenomenológico IPA – Interpretative Phenomenological Analysis. Tendo em vista a

finalidade deste estudo, foi utilizado um Guião de Entrevista, foram pedidos Dados Sociodemográficos, e entregue o Consentimento Informado.

Procedimento

Foi realizado um pedido *online* para soldados paraquedistas que quisessem partilhar a sua experiência na sua profissão, onde quatro participantes se voluntariaram à participação neste estudo. Após o contato inicial, foi explicado a cada participante em que consistia o estudo, o seu objetivo e em que contexto se inseria, nomeadamente uma Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Posteriormente, foi agendado o encontro com cada um dos participantes individualmente de modo a recolher alguns dados relativos ao estudo, como a garantia de confidencialidade dos dados e a possibilidade de abandonar a investigação a qualquer momento, o consentimento informado (Anexo A), e os dados sociodemográficos de cada um (Anexo B). Neste encontro foram também debatidas algumas preocupações relativamente à participação no estudo e realizou-se, de seguida, a entrevista. No caso do participante 1, a entrevista teve de ser realizada em duas partes, em dias diferentes, devido a falta de disponibilidade por parte do participante.

Investigação Qualitativa

Este tipo de investigação representa um reconhecimento importante entre numerosas possibilidades existentes em estudar fenómenos que enrolam os seres humanos e as suas complexas relações sociais, estabelecidas em variados ambientes. É, então, importante referir que a investigação qualitativa não tem como objetivo enumerar e/ou medir os fenómenos em estudo, tal como não é empregue nenhum instrumento estatístico na análise dos seus dados, valorizando a qualidade ao invés do tamanho da amostra. Esta envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contacto direto do investigador com o fenómeno em estudo, em que adota uma postura de preocupação com a descrição naturalista e/ou interpretação de fenómenos, bem como o seu significado para as próprias pessoas que o experienciam (Langdrige, 2007).

Garnica (1997) indica que se pode encontrar vários tipos de investigação na pesquisa qualitativa, e que estas são sustentadas em tipos distintos de orientação teórica

e metodológica, tais como: a fenomenologia, o interacionismo simbólico e o materialismo dialético. Assim, a investigação qualitativa procura compreender os fenómenos pela perspectiva dos sujeitos, ou seja, os participantes da investigação que vivenciaram o fenómeno em estudo. Posto isto, para Fraser e Gondim (2004), a forma específica de diálogo que se estabelece numa entrevista qualitativa, favorece o acesso direto ou indireto às crenças, aos valores e aos significados que determinados sujeitos atribuem a si, aos outros e ao mundo envolvente.

O resultado final de uma investigação qualitativa abrange a experiência dos participantes, a reflexão do investigador, a descrição e interpretação do problema, bem como as propostas de intervenção em relação à literatura (Creswell, 2007).

Método Fenomenológico

O método fenomenológico caracteriza-se pela importância ao “mundo da vida” ou da “experiência vivida”. O mesmo detém uma abordagem que não pretende analisar apenas os factos observáveis, mas compreender o significado e contexto com toda a sua precisão, através do uso de procedimentos que levam à compreensão do fenómeno através de relatos da vida social (Lavarty, 2003). Deste modo, a fenomenologia é talvez um dos métodos que melhor estuda e explicita a experiência humana, através da sua particularidade de se focar nas vivências intencionais do ser humano, abarcando o mundo como vivido pela pessoa (Lavarty, 2003).

Segundo Giorgi e Sousa (2010), os aspetos fundamentais da abordagem fenomenológica anuem, numa primeira instância, na compreensão do fenómeno da consciência e, posteriormente, na totalidade da experiência vivida de um determinado sujeito. O papel da consciência é a principal fonte de construção do significado em relação ao fenómeno que se apresenta intuitivamente. Os autores indicam, ainda, que o fenómeno do ponto de vista fenomenológico não é o objeto de uma experiência, mas sim o aparecer do objeto, a vivência intencional em que este desponta.

A psicologia fenomenológica pretende investigar a experiência vivida dos sujeitos, através da análise de como é que os objetos são dados diretamente à consciência e, de como é que é a experiência desses fenómenos para o indivíduo. Procura-se compreender como é que as situações, a perceção de si, do outro, e do entendimento da vida social e cultural são objetivados pelo sujeito epistémico. A análise fenomenológica

centra-se, então, na experiência imediata do sujeito e no modo como os objetos se apresentam diretamente à consciência (Giorgi & Sousa, 2010).

Assim sendo, o método fenomenológico presume uma descrição detalhada do fenômeno da experiência, com o intuito de chegar à compreensão das estruturas essenciais, onde os atos são percebidos tal como vividos pelo sujeito. Desta forma, há teorias e crenças que estão implícitas a esta análise, que se tornam essenciais para uma melhor investigação. Husserl denominou *épóche* ou redução fenomenológica como sendo a exploração do fenômeno enquanto algo puro e livre de elementos pessoais, para auxiliar a aquisição da essência do fenômeno. A *épóche* é uma atitude de suspender quaisquer pré-conceitos existentes no investigador sobre o fenômeno investigado, como o de colocar em parênteses todo o conhecimento prévio que se tenha, e a redução fenomenológica inclui que os objetos sejam reduzidos, mas não os atos de consciência (Giorgi & Sousa, 2010).

Por fim, torna-se pertinente referir que a interpretação deve implicar um aprofundamento dos significados expressos, portanto, trata-se de clarificações e meios de interpretações sobre aquilo que os sujeitos expressam (Giorgi & Sousa, 2010).

Interpretative Phenomenological Analysis (IPA)

No presente estudo foi utilizado o método de análise *Interpretative Phenomenological Analysis (IPA)* (Smith, 1996), com o objetivo de explorar o significado da experiência de cada um dos indivíduos. Este método possibilita ao investigador interpretar as experiências dos participantes, em termos de significado psicológico, tendo por base os seus próprios relatos, mais do que a sua descrição. Sendo um método de análise qualitativa, pressupõe a utilização de uma entrevista onde se sublinha a percepção do participante no que respeita à sua própria experiência em termos de significado (Langridge, 2007).

A entrevista utilizada neste método é semi-estruturada (Langridge, 2007, e Smith, 1996), tendo um guião flexível, onde foram incluídas algumas questões neutras adaptadas à experiência de cada participante e permitindo sempre uma resposta aberta. As entrevistas iniciavam-se sempre com a seguinte frase “*Conte-me como foi o processo de escolha da carreira de Paraquedista.*”. De seguida, consoante o relato, seriam

colocadas questões (Anexo C) com o objetivo de incluir o maior detalhe possível da experiência em estudo (Langridge, 2007).

A pertinência deste método justifica-se pelo interesse em compreender a experiência de ser soldado paraquedista. Neste sentido, não foram encontrados estudos prévios acerca da experiência supracitada com a utilização deste método. Contudo, existem autores que utilizaram a metodologia qualitativa em contextos militares e que têm referido os benefícios da utilização desta mesma metodologia (Thornborrow, 2005; Kegler & Macedo, 2005, e Molina & Dias, 2012).

Este método de análise, IPA, pressupõe um trabalho exaustivo em termos de tempo e análise, sendo esse processo aqui descrito com base no referencial de Langridge (2007): a análise tem o seu início com a transcrição das entrevistas anteriormente gravadas em formato áudio e posterior leitura integral e audição da gravação. Seguidamente, faz a identificação dos temas principais e respetivos comentários. A primeira fase baseia-se em ler e reler a entrevista as vezes necessárias, adicionando comentários na coluna da esquerda que incluem resumos, interpretações e/ou associações do que foi dito. Este passo deve ser repetido diversas vezes em cada uma das entrevistas para garantir que o investigador compreendeu o significado do texto. Segue-se a segunda fase, que consiste na anotação dos principais temas emergentes na coluna da direita. É aqui que os comentários elaborados na fase anterior são transformados em frases que refletem um nível mais profundo de significado e são-lhes associadas partes do texto. A terceira fase diz respeito à criação de uma lista que contém os temas na ordem pela qual surgiram cronologicamente. Aqui, o investigador irá identificar partes comuns entre eles, numa perspetiva analítica ou teórica. Alguns temas principais serão unificados ou sofrerão alterações, o que significa que podem aparecer como subtemas ou até mesmo desaparecer. É preciso fazer correspondência entre os temas, não perdendo o sentido com que aquela temática surgiu no texto, ou a intenção com que foi dita. A última fase corresponde à produção de uma tabela em que os temas são apresentados numa ordem coerente, com exemplos retirados do texto. Existe a possibilidade de que alguns tópicos, tidos como principais, possam ser desconsiderados. Após ser completa a análise para uma entrevista, avança-se para a entrevista seguinte, repetindo-se o mesmo procedimento.

O investigador tem a liberdade para decidir utilizar, nas análises seguintes, os temas encontrados ou iniciar a análise na primeira fase. Contudo, deve ser cauteloso e minucioso quando assim o decide, uma vez que os temas poderão perder sentido, pois

trata-se do relato de um outro participante. Findando a análise de todas as entrevistas, é elaborada uma tabela constituída por todos os temas encontrados. A análise deve ser flexível no sentido de compreender a experiência do participante com a maior profundidade possível. Este processo é cíclico e demorado, havendo, diversas vezes, necessidade de recomeçar, verificar o significado atribuído e discutir as interpretações.

Capítulo III: Apresentação dos Resultados

Nesta secção, serão apresentados seis constituintes essenciais e respetivos subtemas que resultaram da análise das entrevistas. Na transcrição das mesmas, tentou manter-se fiável as pausas, momentos de silêncio, etc. Notou-se, também, um discurso muito baseado no concreto e no factual nos participantes 1, 2 e 4, a par de uma expressividade contida de afetos. Ainda, no participante 2, notou-se uma agressividade latente no discurso.

Assim, os seis constituintes essenciais que surgem das entrevistas designam-se: *Razões de Escolha, Momentos Críticos, Resiliência, Identidade Paraquedista, Criação de Laços, e Mudança.*

De acordo com os quatro participantes do presente estudo, a experiência de ser soldado paraquedista envolve estes seis constituintes, tendo atribuições de significados psicológicos distintos. Assim, os participantes iniciam a sua experiência com uma escolha desta carreira de Soldado Paraquedista, com diferentes *Razões de Escolha*. Após esta escolha ser efetuada e serem admitidos pelo Exército, iniciam o seu período de instrução, onde vivenciam grande parte dos *Momentos Críticos* mencionados pelos participantes, onde existem pensamentos de desistência que são afastados pela *Resiliência*, ou seja, uma capacidade de superar, de recuperar das adversidades. Assim, são capazes de ultrapassar o período de instrução, tornando-se soldados paraquedistas, onde adquirem a boina e, conseqüentemente, se emergem numa *Identidade Paraquedista*. Ao longo de toda esta experiência existe uma *Criação de Laços* que a pauta, e dão-se *Mudanças* nos participantes. Assim, foi elaborada uma estrutura comum aos quatro participantes do estudo:

Razões da Escolha	Momentos Críticos	Resiliência	Identidade Paraquedista	Criação de Laços	Mudança
- Vertente Transgeracional - Saltos - Características	- Dificuldades - Sofrimento	- Força de vontade	- Conquista do Medo (Salto) - Identidade	- Camaradagem - Partilha do sofrimento	- No ser - Na forma de ver o mundo

Desta forma, torna-se pertinente analisar os constituintes essenciais supramencionados, tendo em conta as suas respectivas variações empíricas, que serão completadas através das citações dos quatro participantes do presente estudo.

1. Razões da Escolha

Este constituinte essencial está ligado às razões que levam um indivíduo a escolher a carreira militar, mais concretamente como Paraquedista, tal como o próprio nome do constituinte indica. Dentro das *Razões da Escolha*, sobressaem três temas: (1) vertente transgeracional, (2) interesse nos saltos de paraquedas, e (3) características da personalidade.

Assim, a vertente transgeracional, presente no P2 e no P3, dá conta da presença de um familiar do participante que teve/tem uma carreira militar, e que se constituiu como uma influência para que o participante escolhesse a mesma carreira:

P2: *“Mas... foi através de familiares, como o meu pai foi paraquedista, eu também sempre quis obter o sonho de o ser.”*

P3: *“E basicamente foram estas as decisões, as decisões vieram de trás, de família, porque eu já tinha tido um familiar que tinha lá estado... E veio daí.”*

Relativamente ao interesse nos saltos de paraquedas, este é expresso pelo P1 e pelo P4, e debruça-se no facto de a escolha de carreira estar assente na vontade de saltar de paraquedas:

P1: *“Olhe... Sinceramente acho que foi mesmo por causa dos saltos”*

P4: *“Saltar de avião.”* (resposta à pergunta *“O que te chamou mais à atenção nos paraquedistas?”*).

Por fim, no que respeita às características da personalidade, falam das características do participante que levaram a que o mesmo escolhesse a Tropa Paraquedista, complementando a vertente transgeracional e o interesse nos saltos de paraquedas. Assim, o P1 demonstra que o interesse pelos saltos de paraquedas está ligado a características suas como a atração pela adrenalina, o gosto por novas experiências, a atração pelo prestígio das Tropas Paraquedistas, e o privilégio em ser pago para saltar:

P1: *“Acho que era a adrenalina, o facto de cá fora ser uma coisa que toda a gente paga para fazer e ali pagavam-te para tu fazeres. Era ao contrário. Foi pela experiência. Sabia que eram uma tropa com prestígio e por aí fora, e optei por ela.”*

Além disso, o P1 acrescenta que o que motivou a sua escolha pela vida militar foi o desemprego e o interesse desde a infância:

P1: *“Quando era miúdo, tipo, via filmes de tropa e por aí fora e foi uma coisa que sempre me chamou à atenção, sempre me despertou interesse (...) a certa altura deixei de trabalhar e aproveitei que era a oportunidade ideal de eu dar o nome para o exército.”*

O P2 demonstra que a vertente transgeracional que influenciou a sua escolha, se complementa pela sua curiosidade pela vida como paraquedista:

P2: *“(...) sempre tive aquela curiosidade.”*

Quanto ao P3, este liga o facto de ser influenciado pela família, com a educação que teve na escola e em casa:

P3: *“Eu tive uma educação, isto um bocado voltando atrás, tive uma educação um bocado mais pró-militar. Em casa e na escola, portanto a carreira militar sempre esteve um bocado presente no meu futuro, naquilo que eu iria escolher para o meu futuro.”*

E, por fim, o P4 revela que os saltos de avião foram a razão de ter optado pelos paraquedistas mas que o desinteresse pela escola foi o impulsionador da escolha da carreira militar:

P4: *“Eu na altura não queria estudar e lembrei-me da tropa.”*

2. Momentos Críticos

Os *Momentos Críticos* subdividem-se em dois temas: (1) Dificuldades e (2) Sofrimento. Estes dizem respeito a momentos na vida dos participantes enquanto paraquedistas em que sentiram que as expectativas que tinham quanto aos paraquedistas eram diferentes da realidade, em que surgiram pensamentos de desistência, e sentiram sofrimento, seja este físico ou psicológico.

No que respeita às Dificuldades, estas estão associadas a variados fatores que são sentidos pelos participantes como os momentos mais difíceis com os quais se depararam na sua experiência:

P1: *“É assim... não é tão bom como as pessoas pensam, não é? Uma pessoa pensa que aquilo é como nos filmes, que é isto, que fazem e acontece, mas tem os seus senãos, não é? Muito tempo longe de casa... Às vezes sem vontade nenhuma temos que ir para os exercícios montes de dias e... Às vezes não podemos tirar férias quando queremos. Pá, às vezes é complicado, porque às vezes queremos estar mais tempo em casa e não conseguimos.”*

P2: *“Bem, o processo de recruta é um bocado mais complicado, porque foi fugir a uma rotina e entrar noutra, receber ordens, acordar cedo...”*

P3: *“O ponto mais difícil que eu tive foi num exercício, isto já no final do curso todo, foi no exercício do exercício final, fomos largados duas semanas em Abrantes. E aí tive a parte mais difícil que foi o exercício de prisioneiros de guerra. (...) foi aí que eu senti mais pressão e a parte mais difícil foi nessa prova de exercício final.”*

P3: *“(...) Ter alguém a mandar pode ser difícil, (...) no fundo não é comer e calar mas é saber engolir muitos sapos. (...) Somos testados a níveis um bocado pesados até, nalgumas coisas.”*

P4: *“(...) Havia muita coisa que eu depois descobri lá que ninguém me tinha dito cá fora, estás a ver?”*

P4: *“Aquilo é um ponto difícil de cada vez. Por isso não te sei dizer um agora. Aquilo todos os dias é difícil, sei lá. Até acabar a instrução, é sempre difícil.”*

Quanto ao Sofrimento, refere-se a sentimentos que os participantes expressaram ao longo das entrevistas, muitas das vezes associado às dificuldades supracitadas:

P1: *“Andavas sempre cansado, dormias pouco, emagreci bastante, entrei com 80 quilos para a tropa, quando acabei o curso pesava para aí 67 ou 68.(...) E pronto, fazem-te sofrer um bocado”*

P1: (Resposta à questão “Houve algum momento em que sentiste que estavas farto, que querias desistir?”) *“Oh, sim! Oh, sim! Claro que sim... Havia partes em que estava*

farto, desistir não, mas havia partes em que não me apetecia estar ali, não é? Mas desistir, não.”

P2: *“Tratado abaixo de cão, hum... não valem nada, não é? É aquela fase de... pá, tu não vales mesmo nada”*

P2: (Resposta à questão *“Houve algum momento em que sentiste que preferias desistir?”*) *“Toda a gente pensa nisso, não é?”*

P3: *“Posso-te falar nisso a seguir à recruta, que foi o que me causou mais impacto, aí sim, consegui sentir dor, (...) toda a gente pensa em desistir, isto é um facto, mas é o pensar em desistir mas não é o vou desistir, desistir!(...) Tive o choque no curso de combate porque foram semanas, não foram complicadas, mas duras.”*

P3: *“(...) o exercício de prisioneiros de guerra. Aí sem dúvida que foi a única... das poucas vezes em que eu senti que a minha cabeça não... que o que o meu cérebro estava a mandar fazer, o meu corpo não reagia.”*

P4: *“Eu vou ser sincero, eu quando fui para lá, eu só me queria vir embora.”*

P4: *“E então estava um bocado farto daquilo (...), pá, estava um bocado dececionado, não sei.”*

P4: *“Até acabar a instrução (...) é sempre a sofrer.”*

3. Resiliência

Este constituinte essencial está relacionado com a capacidade demonstrada pelos participantes em ultrapassar os *Momentos Críticos*, e com a demonstração de força de vontade e foco em terminar o período de instrução, bem como no foco em ser soldado paraquedista:

P1: *“(...) Na altura eu já estava mentalizado que ia até ao fim. Se eu não acabasse era porque ou se me eliminassem ou se tivesse uma lesão que não pudesse terminar o curso mas... Isso ainda bem que não aconteceu. Agora, desistir para mim... Não ia desistir.”*

P3: *“É... Vou desistir porque estou mal hoje, amanhã já é diferente.”*

P4: *“E então, pronto... mas lá me fui... consegui aguentar e pronto, continuei lá.”*

No que respeita ao P2, este utiliza o Brado Paraquedista como resposta a uma das perguntas que foi interpretado como uma demonstração da sua força de vontade e do seu foco:

P2: *“Paraquedistas, o que somos? Amigos. O que queremos? Alvorada. O que amamos? O perigo. O que tememos? Nada. Em posição, já!”*

4. Identidade Paraquedista

A *Identidade Paraquedista* diz respeito a tudo o que os participantes mostraram ser uma característica ou constituinte essencial para que se seja soldado paraquedista. Esta subdivide-se em dois temas: (1) Conquista do medo (Salto) e (2) Identidade.

Relativamente à Conquista do Medo (Salto), está ligada aos sentimentos expressados antes da realização do primeiro salto de paraquedas e o após o mesmo, onde é visível uma diferença bastante acentuada nos dois momentos. O antes está pautado por sensações de nervosismo e medos, sendo que o após está associado a sensações de calma e confiança:

P1: *“O primeiro salto estava boé nervoso, é normal, não é? Nunca tinha andado de avião sequer! (...) Tinha aquele receio de o paraquedas não abrir, aqueles receios normais... ou de uma pessoa cair.(...) Já estávamos a ter o curso há algum tempo, também já estava à espera daquilo, mas fui boé nervoso, e como fui boé nervoso e com medo, fiz as cenas tipo mesmo como mandaram, então correu boéda bem, então senti uma grande confiança.(...) Ficas sempre um bocado nervoso quando estás muito tempo sem saltar mas agora já não custa.”*

P2: *“Bem, no meu primeiro salto fiquei com uma grande ansiedade, com uma dor na barriga (...). Mas depois, epá, quando estás naquele avião, ouves aquele barulho todo que está lá dentro, ficas... epá, nem te sei explicar. Ficas bloqueado ou não sei (...), quando saltas, é uma calma total.”*

P3: *“Bem, o primeiro salto é aquilo que eu acho que nunca ninguém se esquece. Foi assustador.(...) E lembro-me de ir a primeira (patrulha), ir a segunda, ir a terceira, aí eu estava calmo, tranquilo, sentado, a rir-me, claro que um bocado nervoso, mas*

quando o largador nos manda levantar e enganchar no arame que lá estava... Aí sim, caiu-me tudo. Parece que a ficha cai, estás a ver? E eu só pensava porque e que eu vim para aqui? Porque é que não fui para outro? Naquelas frações de segundo, naquele minuto antes de começarmos a ser lançados, comecei a ponderar, a perguntar-me: mas porquê? Porque é que... E se isto agora não abre? (...) Acho que é algo que nunca me vou esquecer. Uma das coisas que eu tenho noção é que eu não fechei os olhos, então eu vi tudo. (...) E foi uma sensação que jamais irei esquecer.”

P4: “Foi ótima. Foi os melhores saltos que já tive e foi muito boa, como é óbvio. (...) Em pânico, claro, sempre em pânico, mas gostei muito.”

No que respeita à Identidade, fazem parte diversas características e sentimentos que os participantes associam a si mesmos e que fazem parte da estrutura de um soldado paraquedista, tal como o receber a boina verde, repleta de simbolismo, que é entregue no final do curso, e que representa o final do período de instrução e a passagem a soldado paraquedista. Fazem parte deste tema passagens da entrevista pautadas pelo orgulho, o secretismo, o facto de ser uma experiência incompreensível para civis, bem como características da personalidade:

P1: “Só a pessoa estando lá e passar por aquilo é que percebe, é difícil explicar a quem nunca lá esteve, é um mundo à parte.”

P1: “Aquilo ou gosta-se ou não se gosta. E quem não gosta normalmente, às vezes, vai para lá à espera de grandes planos e... se calhar ao fim de uma semana está a pedir para desistir, ou vêm-se embora porque não aguentam aquilo.”

P1: “É assim, soldado paraquedista ou outra tropa qualquer, seja Comando, Operações Especiais ou Fuzileiros, qualquer tropa especial tens de ter tipo... Tens de ser bom fisicamente, tens de ser bom psicologicamente.”

P2: “Há coisas que não te posso dizer”

P2: “Como toda a gente, orgulho. Ainda para mais foi o meu pai a pôr-me a boina, foi um orgulho ainda maior, não é? Por isso, nem há palavras para descrever esse momento.”

P3: “A altura de receber a boina, quase que chorei... Foi provavelmente a primeira vez que eu consegui alguma coisa vinda de fruto do meu esforço. (...) Foi a primeira vez que eu tive a noção de conseguir fazer algo por mim mesmo e isso foi uma

prova muito forte para mim (...) E também um sentimento de orgulho extremo porque nem todos conseguem (...), fiquei muito orgulhoso de mim por ter conseguido.”

P3: “Falar de paraquedista, primeiro, é um soldado diferente dos outros. (...) Acho que um militar assim tem que se orgulhar na história, tem que conhecer, (...). E essa história transmite-nos logo ao início um orgulho tremendo naquilo que estamos a fazer. E somos instruídos desde o primeiro dia a orgulharmo-nos daquilo que somos (...), nós somos especiais, nós somos melhores que todos os outros. E não só pela componente física, não só pela dureza do curso, (...) estamos sempre em movimento, isso faz-nos sentir realmente que vamos ser especiais e que vamos ser uma força... Vamos ser úteis para o país e para a unidade que representamos. (...) Acho que não há muitas palavras para descrever exatamente aquilo que nós podemos sentir do que senão o orgulho mesmo em si (...).”

P3: “As características mais... É força, força de querer, e cabeça, muito psicológico. O psicológico tem de estar a funcionar e tens de saber reagir em situações de stress. (...) Depois tem que vir do berço, da educação e a tua forma de ser (...), nós não questionamos (...), tens de saber ouvir. (...) Mas fazes, não questionas, e isso... Fundamental... É a parte fundamental numa boa organização de um soldado paraquedista. Confiamos todos uns nos outros, sabemos que estamos todos para nos proteger uns aos outros, portanto não questionamos e também porque a hierarquia, faz parte da hierarquia militar, então não questionamos as ordens que nos são dadas, porque a nossa missão é a nossa missão e o que nos dizem que temos de fazer, nós fazemos e fazemos bem.(...) Portanto, soldado paraquedista é um soldado disciplinado, orgulhoso daquilo que faz.”

P3: “Ali a mística estava toda porque vínhamos todos da escola, vínhamos todos do mesmo sítio, passamos praticamente todos pelo mesmo, recruta, curso de combate, curso de paraquedismo, incluindo exercício final e prisioneiros de guerra, estás a ver?”

Os participantes 2 e 4 expressaram a sua identidade paraquedista através da menção de uma identificação aos Paraquedistas. É importante ainda acrescentar que se interpretou o Brado Paraquedista utilizado numa resposta do P2 como uma demonstração da sua força de vontade e foco, como referido anteriormente, mas também como uma demonstração de identificação:

P2: *“Paraquedistas, o que somos? Amigos. O que queremos? Alvorada. O que amamos? O perigo. O que tememos? Nada. Em posição, já!”*

P4: *“Em relação aos outros tipos de tropas, é onde me identifico mais, é nesta. (...) Tenho aquela sensação que escolhi mesmo bem.”*

5. Criação de Laços

Ao longo das entrevistas, apesar de nenhuma pergunta do guião focar este aspeto, notou-se uma tendência por parte dos participantes em falar dos seus colegas de curso e profissão, levando à existência do constituinte essencial *Criação de Laços*. Deste fazem parte referências à camaradagem, convívio, partilha de sofrimento, espírito de corpo - sendo este corpo a unidade em que o indivíduo se insere -, e preparação conjunta para provas:

P1: *“(...) E eu como, com esse amigo com que eu dei o nome, já praticávamos exercício há bastante tempo e por aí fora, acho... E também já tínhamos visto o tipo de provas que eram, a gente já se tinha preparado (...)”*

P2: *“(...) F*de-se todos! Por um, f*dem-se todos.”*

P3: *“(...) Fiquei muito orgulhoso de mim por ter conseguido e dos homens que estavam todos comigo, claro, também.”*

P3: *“Confiamos todos uns nos outros, sabemos que estamos todos para nos protegermos uns aos outros”*

P3: *“E depois, aí está a parte engraçada, que entramos todos como soldados, cada um no seu estatuto social, veio de onde veio e coexistimos, conseguimos encontrar pontos de semelhança, onde nos demos todos lindamente, e... Pronto, depois temos os nossos grupos, temos as nossas secções, vamos ser distribuídos... Somos distribuídos por pelotões e depois criamos laços com as pessoas que trabalham diretamente connosco, normalmente essas pessoas mantêm-se até ao final da tua carreira. (...) fomenta-se o espírito de corpo, de camaradagem (...), é que tu achas que vais chegar e pensas: eia, os antiquinhos todos, estão aqui todos, vamos... isto vai ser... pronto... o que é que vai ser? E a única coisa que eles te dão até ganhares o respeito deles é: não, tu conseguiste ser o*

mesmo que nós. E, portanto, isso é reconhecido por todos, não interessa de onde vens, como vens, o que é que és.”

P3: *“Lembro-me que era eu e mais um, que também era granadeiro, estávamos sempre a puxar pelos ânimos da malta, sempre a dizer piadas, a meter músicas no telefone (...), estávamos sempre ali a tentar levantar a moral”*

P4: *“(…) quando cantamos o hino formados, sei lá. Quando nos estão a dar certas praxes, todos juntos, isso está sempre a acontecer. Ainda hoje.”*

Nesta última citação, referente ao P4, considera-se que, quando o participante se refere às praxes que realizam todos juntos, está implícito um certo nível de camaradagem, bem como a partilha do sofrimento.

6. Mudança

Este último constituinte essencial está, como o próprio nome indica, relacionado com as mudanças sentidas pelos participantes ao longo desta experiência:

P1: *“Deu-me experiência, fez-me crescer, aprendes a lidar com homens com mais... com homens assim... Não lidas tanto com miúdos, aquilo é um mundo de homens e... quem entra lá miúdo, sai de lá homem. E a tropa... A tropa faz crescer como pessoa, ensina-te as coisas fundamentais da vida.”*

P1: *“Mas a nível de valores, de amizade, respeito e de educação e obrigações, sem dúvida que te ajudam bastante.”*

P2: *“Mudou, agora se foi para melhor ou para pior, não te sei responder. Uma coisa é certa, a disciplina está cá.”*

P3: *“(…) Foi das coisas que eu senti uma evolução tremenda na minha capacidade de crer...”*

P3: *“(…) foi importante para o meu crescimento porque eu tava habituado a uma certa... a um certo... não digo estatuto mas um certo tipo de vida e o que via nas notícias achava um bocado... na altura, isto foi quando estávamos a entrar em crise, não havia... havia pessoas sem dinheiro, e eu a pensar: bem isto não pode ser assim porque eu... Eu tinha 16, 17 anos, e se a mim não me faltava nada, como é que pode faltar a alguém, não*

é? (...) Esta era a minha realidade (...) E isso foi o que me fez crescer, ver as dificuldades dos outros, poder ajudar os outros, que era algo que eu nunca tinha feito, que era... sei lá, sentar-me e conviver com pessoas que não tinham... que não viveram o mesmo que eu e eles sentarem-se com pessoas que nunca... eles nunca viveram aquilo que eu vivi até aquela altura. Isso foi das coisas que mais me fez crescer, foi perceber as realidades distintas que há no nosso país.”

P4: *“Tanto na tropa, como cá fora. Não sei, eu acho que a malta ao fim de passar por aquilo tudo fica um bocado mais... mais insensível, talvez. Mais fria. Ganha outra resistência, estás a ver?”*

P4: *“Eu era, antes de ir para lá (tropa Paraquedista) era impensável, sei lá, correr tantos quilómetros seguidos e estar tanto tempo sem dormir, achava isso impensável, e afinal não. É possível e bem possível, até.*

Existe, ainda, nos participantes 1 e 2, uma recomendação da experiência, que foi tido como uma mudança, uma vez que, visto que existiram mudanças positivas para os dois participantes, se considera que a intenção é que outros experimentem e sintam essas mesmas mudanças. Denota também uma certa dificuldade por parte destes participantes em expressarem as mudanças sentidas:

P1: *“Mas é uma boa experiência. Recomendo.”*

P2: *“(…) para os mais curiosos, experimentem.”*

Capítulo IV: Discussão

Neste capítulo será apresentada uma conclusão possível do estudo, bem como a apresentação das limitações e potencialidades encontradas no mesmo, sugerindo, ainda, propostas para investigações futuras.

O primeiro constituinte essencial apresentado neste estudo como fazendo parte da estrutura comum dos participantes, *Razões de Escolha*, é bastante debatido na literatura. Como exposto anteriormente, as instituições militares encontram-se, de momento, completamente dependentes de um efetivo voluntário (Martinez, 2016), sendo pertinente perceber os motivos que levam um indivíduo a dedicar-se a esta carreira. Nos participantes em estudo, encontramos diálogos que descrevem esses mesmos motivos, estando entre eles a vertente transgeracional, o interesse pelos saltos de paraquedas e as características da personalidade.

Alguns autores, como Molina e Dias (2012) e Bachman et al. (2000), falam-nos da influência familiar como uma das razões de escolha. Também Kelty et al. (2010) nos falam de como a constante exposição à vida militar leva, muitas vezes, a uma transmissão transgeracional do serviço militar, mencionando que indivíduos em famílias onde pelo menos um dos pais teve uma carreira militar, têm mais propensão a seguir essa mesma carreira. Isto pode ser visível no presente estudo, uma vez que dois em quatro dos participantes escolheu a carreira militar devido à influência da família. O interesse pelos saltos de paraquedas pode inscrever-se como uma possibilidade de auto-desenvolvimento, uma vez que os indivíduos mostram interesse pela aquisição de uma nova competência técnica (Chambel et al., 2015). Por último, as características de personalidade, que no caso dos participantes do estudo se prendem com a atração pela adrenalina e gosto por novas experiências, entre outros, ajudam a complementar a escolha feita pelos mesmos. Segundo Dias (2005), a adrenalina, apesar de estar muito próxima da ideia de aventura, está muito presente no linguajar dos paraquedistas militares. Foi, ainda, visível que estas razões não são distintas, tal como apontado por Martinez (2016), mas que se complementam entre si.

O segundo constituinte, *Momentos Críticos*, constitui-se por dois temas: dificuldades e sofrimento. As dificuldades que são mencionadas neste estudo prendem-se com expectativas criadas pelos participantes relativamente à Tropa Paraquedista que

não corresponderam ao real, e características inerentes à Tropa, o que é corroborado pelo estudo de Molina e Dias (2012), onde também os participantes do seu estudo relataram determinadas dificuldades que se prendem com a distância física, o sistema de internato, isolamento e a falta de liberdade, o ritmo das atividades e a responsabilidade precoce. Estas dificuldades constituem-se como limites a serem superados, principalmente nos primeiros anos, sendo o lidar com estes desafios uma condição fundamental para crescer na vida profissional e se adaptar à vida militar (Molina & Dias, 2012). A estas dificuldades está associado o sofrimento. Embora a experiência do sofrimento humano envolva a pessoa no seu todo biopsicossocial e espiritual, numa perspetiva pragmática, poder-se-á considerar diferentes domínios do sofrimento: psicológico, físico, socio-relacional, e existencial (McIntyre & Gameiro, 1999).

Nos participantes deste estudo, o sofrimento é no domínio físico e psicológico, caracterizando-se pelo cansaço, maus tratos e agressões, perda de peso, sentimentos de desvalorização e decepção, e pelo pensamento de desistência. Este último é comum aos quatro participantes, e tem-se como um pensamento que aparece quando o sofrimento se torna difícil de suportar. Contudo, este pensamento acaba por ser superado através do terceiro constituinte, *Resiliência*, onde os participantes demonstraram, no seu diálogo, a força de vontade e o foco no ser paraquedista. Este último constituinte é, também, uma característica que Thornborrow (2005) indica como uma das qualidades que um paraquedista necessita possuir para ser capaz de realizar o seu trabalho, sendo isso mesmo demonstrado neste estudo. Este constituinte reflete também o facto de que os indivíduos sabem as dificuldades e o sofrimento que o seu trabalho acarreta e aceitam-nos, tal como os participantes do estudo supracitado.

Quanto ao constituinte essencial *Identidade Paraquedista*, subdivide-se em Conquista do Medo (Salto) e Identidade. Esta conquista do medo está ligada ao salto de paraquedas, uma componente fundamental do que é ser Soldado Paraquedista, uma vez que é esta que os distingue das restantes Tropas, e significa a tomada da decisão racional de proceder ao salto diante da possibilidade de lesões e/ou morte (Thornborrow, 2005). O paraquedismo é uma situação em que os indivíduos se colocam em perigo, com o risco, por exemplo, de o paraquedas não abrir. Este elemento de perigo dá origem ao medo interno em paraquedistas militares, mesmo quando têm o treino completo e experiência (Sharma et al. 1994). Isso é visível no discurso dos quatro participantes do presente estudo, em que a sua experiência no seu primeiro salto é pautada por nervosismo e medos,

sendo que existe ainda alusão à continuação do nervosismo nos restantes saltos. Ainda segundo Lane, Bucknall, Davis e Beedie (2012), uma hora antes do salto de paraquedas é, talvez, quando se dá a percepção de que o salto vai realmente acontecer, e os pensamentos associados – normalmente voluntários – podem ser interpretados pelos participantes como geradores de maiores níveis de ansiedade. Momentos antes do salto, existe pouco que os participantes possam fazer além de se focarem na logística do próprio salto, ou seja, o que tem de ser feito durante o mesmo e por que ordem. Thornborrow (2005), através das entrevistas dos seus participantes, observa que o paraquedismo é a satisfação de um desejo, mas também é sobre conquistar medos. A identidade enquanto paraquedistas é tão forte que recusá-la é considerado um tabu, uma vez que se um soldado se recusa a realizar o salto em treino, pode também recusar em combate, falhando, por isso, às suas obrigações oficiais e não-oficiais. Assim, a recusa ao salto constitui-se como uma rejeição dos valores da instituição. A vergonha bem como a ameaça de humilhação e rejeição total aparentam ser razões suficientemente potentes para levar a que um soldado tenha a coragem de realizar o salto de paraquedas, independentemente de quão aterrorizado ou apreensivo se possa sentir.

Esta conquista do medo, ligada ao salto, é visível na transformação do discurso dos participantes entre o pré-salto e o após o salto, onde é, neste último, descrita como uma experiência inesquecível ou uma calma total. Apesar disto, e como supracitado, todos os saltos de paraquedas envolvem esta conquista do medo a um certo nível, e tornam este constituinte como essencial para a experiência de ser soldado paraquedista (Thornborrow, 2005).

Relativamente à Identidade, como foi referido anteriormente, estão incluídas diversas características e sentimentos que os participantes associam a si mesmos e que fazem parte da estrutura de um soldado paraquedista. Dentro destes, é importante realçar o momento em que recebem a Boina Verde, que, como Thornborrow (2005) observou, é considerada como uma característica central e distinta da instituição, levando a crer que quando um paraquedista utiliza a sua boina, está a realizar uma forte afirmação da sua identidade. A boina pode ser percebida como um objeto de desejo, um prémio por alcançar determinado objetivo, ou ainda como a primeira prova real de que um soldado possui aquilo que é necessário para ser paraquedista. Para alguns é, ainda, a tradução da consumação total do que é ser paraquedista. Assim, a boina, dentro da instituição, parece ser um símbolo do alcance de objetivos, história e tradição, mas, mais importante, leva a

que os paraquedistas, quando a utilizam, se sintam distintos. Isto é visível nos participantes do presente estudo através do seu diálogo, em que referem o momento de receber a boina como um momento de orgulho, bem como um momento em que sentem que alcançaram algo através do seu esforço. Este orgulho mencionado pelos participantes torna-se importante uma vez que o mesmo está em evidência ao longo de todas as entrevistas, onde parece que mesmo a realização de tarefas do dia-a-dia parece envolver um certo grau de orgulho, como evidenciado por Thornborrow (2005), no seu estudo. Também Dias (2005) afirma que os militares vêm no facto de se tornar paraquedista um grande motivo de orgulho pessoal, e uma das suas maiores vitórias foi o facto de se terem tornado paraquedistas, conquistando o direito do uso da boina.

Existe também uma mística, referida pelos participantes, associada à Tropa Paraquedista, visível pela menção da mesma ou pelo secretismo e pela ideia que os participantes têm de que apenas quem é Paraquedista entende o que é sê-lo. Dias (2005) afirma que o militar paraquedista está envolvido por uma mística, passada através dos tempos pela própria instituição e que esta consiste em ser considerado por todos como um guerreiro alado que não teme o perigo, o que faz com que esta tropa seja diferente, considerada por muitos como uma tropa de elite, com rituais, símbolos e maneira de ser distintos dos demais. É possível observar nas entrevistas deste estudo que os participantes se caracterizam como soldados diferentes e especiais, alimentando o referido pelo autor supramencionado, bem como um sentimento de pertença a algo especial. Muitos dos entrevistados no estudo de Thornborrow (2005) revelaram que ganhar a boina foi um simbolismo do seu alegado estatuto de elite, que o autor acredita estar ligado ao que tiveram de passar para se conseguirem tornar paraquedistas e, concordantemente, os paraquedistas parecem identificar-se fortemente uns com os outros e com a instituição, podendo ser por isso que se consideram elite. Além disto, algumas passagens das transcrições levam a crer que os paraquedistas acreditam que são treinados para serem os melhores e que têm uma história que o prova. Isto é, também, identificado nas entrevistas dos participantes do presente estudo.

No que respeita à *Criação de Laços*, esta engloba a camaradagem, partilha de sofrimento, convívio, espírito de corpo e preparação conjunta para provas. Thornborrow (2005) define a camaradagem como o sentimento de fazer parte de algo especial, a confiança e respeito mútuos que apoiam as ligações que duram a vida inteira que são observadas em muitos paraquedistas. Este tema é considerado como uma das características centrais da identidade paraquedista, contudo, estas ligações, respeito

mútuo e compreensão não poderiam ser tão fortes sem a existência de confiança, que é considerada pelos paraquedistas como um pré-requisito para a aceitação e para qualquer subsequente amizade. Segundo o autor, uma das características do serviço dos paraquedistas é o facto de serem regularmente postos numa posição de confiança. Esta confiança é referida pelos participantes do presente estudo, no sentido em que demonstram nos seus diálogos que dependem uns dos outros, e está também presente o respeito, que ultrapassa os limites impostos pela hierarquia.

Por fim, quanto à *Mudança*, reflete as mudanças sentidas nos participantes desde a sua entrada na Tropa Paraquedista. Estas prendem-se com o crescimento pessoal, aprendizagens de valores – como amizade, respeito, educação, obrigações e disciplina –, evolução na capacidade de crer, compreensão da situação financeira do país, insensibilidade, frieza, resistência, e crença nas próprias capacidades. Como referido anteriormente, o serviço militar pode levar a mudanças na identidade, sejam estas a nível pessoal, ou na forma como o indivíduo se relaciona com o mundo exterior (Brewin et al., 2010). Estas mudanças podem, também, ser vistas como ganhos como forma de retorno pela dedicação à vida militar (Molina & Dias, 2012), e demonstram que o papel do militar extrapola a natureza profissional e a atividade deixa de ser simplesmente o que faz e passa a constituir quem é (Lopes & Leite, 2015), onde os paraquedistas estão dispostos a “sacrificar” a sua identidade pessoal.

É importante mencionar que foi feito um esforço por parte do investigador para conseguir tomar uma atitude fenomenológica perante o tratamento dos dados, contudo, torna-se difícil que apenas um indivíduo, seja qual for o método usado, consiga elaborar todas as possibilidades existentes acerca do fenómeno em estudo, deixando assim outras possibilidades por explorar no que respeita a termos longitudinais.

Existe também a possibilidade de se ter perdido determinadas formas de comunicação durante a análise, sendo que o método IPA estabelece que todas as pessoas têm a capacidade de articular os seus pensamentos (Smith, 1996), mas as pessoas empregam diferentes significados para comunicar as suas experiências, incluindo expressões, metáforas, gestos, etc.

Para concluir este estudo, é pertinente referir que o tema das Forças de Segurança de Portugal é um tema pertinente e atual, uma vez que são estas forças que se encarregam da proteção do país e de toda a sua população. No entanto, existe quase uma inexistência de estudos deste tema pela psicologia, focando-se muito numa vertente mais

organizacional, e perdendo a componente mais humana e emocional que está presente neste tipo de profissões. Existem, então, alguns dados na literatura em Portugal acerca do que motiva um indivíduo a seguir a carreira militar, mas quase nenhuma literatura sobre os indivíduos que constituem as Tropas Portuguesas, nem das suas vivências.

Considera-se, também, que seria interessante perceber qual a experiência das mulheres nesta profissão e entender quais os constituintes que a compõem, de forma a entender se o género terá, ou não, influência nesta experiência, e de que forma essa influência se expõe, uma vez que alguns autores afirmam que os soldados empregam rituais informais e exclusivamente “hipermasculinos” para se constituírem como grupo social, e que a masculinidade tem sido expressa por meio de símbolos de força e destemor, que foram transferidos para os sentimentos de nacionalismo próprios da formação militar (Molina & Dias, 2012; King, 2006).

Findando, no que respeita ao método utilizado para o tratamento dos dados do presente estudo, o método fenomenológico IPA revelou-se um método extremamente benéfico, uma vez que é um método que visa incluir os aspetos essenciais e possíveis variâncias que existem num determinado fenómeno. Assim, considera-se que o método qualitativo é um método que poderá trazer bastante riqueza a investigações futuras na área militar. Existe, ainda, a possibilidade de se realizar este estudo com um maior número de participantes, de modo a conseguir completar possíveis lacunas na investigação, bem como para melhor compreender o ser paraquedista, ou de realizar o mesmo estudo com militares pertencentes a diferentes Tropas Especiais ou Tropas ditas “normais”.

Referências Bibliográficas

- Adorno, L. (1995) *Ser pára-quedista*. Rio de Janeiro: Ed. Eletrônica
- Bachman, J., Segal, D., Freedman-Doan, P., & O'Malley, P. (2000). Who chooses military service? Correlates of propensity and enlistment in the U.S. Armed Forces. *Military Psychology*, 12(1), 1-30.
- Barisch, E. (2006). *Preparação para a reserva: necessidade estratégica para a Aeronáutica*. Rio de Janeiro: Universidade da Força Aérea.
- Brewin, C., Garnett, R., & Andrews, B. (2010). Trauma, identity and mental health in UK military veterans. *Psychological Medicine*, 41(08), 1733-1740.
- Chambel, M., Castanheira, F., Oliveira-Cruz, F., & Lopes, S. (2015). Work context support and Portuguese soldiers' well-being: The mediating role of autonomous motivation. *Military Psychology*, 27(5), 297-310.
- Creswell, J. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. London: Sage Publications.
- Daley, J. (1999). *Understanding the military as an ethnic identity*. Em C. Munson & J. Daley (Eds.), *Social work practice in the military* (pp. 291–303). New York, NY: Routledge.
- Dias, U. (2005). Pára-quedismo: diferenças entre o civil e o militar. *Fitness & Performance Journal*, 4(3), 137-144.
- Dorn, E., Graves, H., & Ulmer, W. (2000). *American military culture in the twenty-first century*. Washington: CSIS Press.
- Fiedler, E., Oltmanns, T., & Turkheimer, E. (2004). Traits Associated with Personality Disorders and Adjustment to Military Life: Predictive Validity of Self and Peer Reports. *Military Medicine*, 169(3), 207-211.
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). *Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa*. *Paidéia*, 14(28), 139-152.
- Garnica, A. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 1(1), 109-122.

- Giorgi & Sousa. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Johns, J. (1984). *Cohesion in the US military*. Washington: National Defense University.
- Kegler, P., & Macedo, M. (2015). Trabalho e aposentadoria militar: singularidades de uma travessia psíquica. *Psico-USF*, 20(1), 25-38.
- Kelty, R., Kleykamp, M. & Segal, D. (2010). The Military and the Transition to Adulthood. *The Future Of Children*, 20(1), 181-207.
- King, A. (2006). The Word of Command. *Armed Forces & Society*, 32(4), 493-512.
- Kirke, C. (2010). Military Cohesion, Culture and Social Psychology. *Defense & Security Analysis*, 26(2), 143-159.
- Lancaster, S., & P. Hart, R. (2015). Military Identity and Psychological Functioning: A Pilot Study. *Military Behavioral Health*, 3(1), 83-87.
- Lane, A., Bucknall, G., Davis, P., & Beedie, C. (2012). Emotions and emotion regulation among novice military parachutists. *Military Psychology*, 24(3), 331-345.
- Langdrige, D. (2007). *Phenomenological psychology: Theory, research and method*. Harlow, England: Pearson Education Ltd.
- Laverty, S.M., (2003). Hermeneutic Phenomenology and Phenomenology: A Comparison of Historical and Methodological Considerations. *International Journal of Qualitative Methods*, 1, 1-29
- Lopes, E., & Leite, L. (2015). Deficiência Adquirida no Trabalho em Policiais Militares: Significados e Sentidos. *Psicologia & Sociedade*, 27(3), 668-677.
- Lousada, J. M. (2011). *História das Tropas Paraquedistas Portuguesas*. Escola de Tropas Paraquedistas.
- Machado, M., & Carmo, A. (2003). *Topas Paraquedistas - A história das Boinas Verdes Portuguesas - 1955-2003*. Lisboa: Editorial de Livros e Revistas.
- Martinez, B. (2016). *Motivação para ser Militar: Ingresso na Academia da Força Aérea*. Academia da Força Aérea.

- McIntyre, T. & Gameiro, M.(1999). *Inventário de Experiências Subjectivas de Sofrimento na Doença*. Em Soares, A., Araújo, S. & Caíres (Eds). *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (723-736). Braga: APPORT.
- Missão. (2016). Obtido de Exército Português: <https://www.exercito.pt/pt>
- Molina, S., & Dias, C. (2012). Ser oficial combatente do Exército: uma delegação transgeracional? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(1), 43-52.
- Moutinho, B. (1970). *História e técnicas de paraquedismo*. Lisboa: Livraria Portugal.
- Neves, A. (2015). *A evolução das forças paraquedistas portuguesas desde a sua criação até aos dias de hoje*. Academia Militar.
- Neves, D. (2015). *Os valores de um oficial de Artilharia: passado, presente e futuro*. Academia Militar.
- Oliveira, P. (2004). *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: IUPERJ.
- Pacheco, T. (2015). *O Curso de Operações Especiais: Valores Motivacionais para o Voluntariado*. Academia Militar.
- Rydstedt, L., & Österberg, J. (2013). Psychological Characteristics of Swedish Mandatory Enlisted Soldiers Volunteering and Not Volunteering for International Missions: An Exploratory Study. *Psychological Reports*, 112(2), 678-688.
- Sharma, V., Sridharan, K., Selvamurthy, W., Mukherjee, A., Kumaria, M., & Upadhyay, T. et al. (1994). Personality traits and performance of military parachutist trainees. *Ergonomics*, 37(7), 1145-1155.
- Silva, B. (2012). *Desenvolvimento da identidade pessoal e de competências transversais em contexto militar: um estudo longitudinal dos seis meses iniciais do serviço militar*. Universidade do Porto – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Smith, A. (1996). Qualitative methodology: analyzing participants’ perspectives. *Current Opinion in Psychiatry*, 9, 417-421
- Sousa, S. (2015). *A cultura nacional e a cultura militar*. Instituto de Estudos Superiores Militares.

- Thornborrow, T. (2005). *The Construction of Collective Identity in the British Parachute Regiment: A Storytelling Approach*. Nottingham University.
- Thornborrow, T., & Brown, A. (2009). 'Being Regimented': Aspiration, Discipline and Identity Work in the British Parachute Regiment. *Organization Studies*, 30(4), 355-376.
- Zirker, D., Danopoulos, C., & Simpson, A. (2007). The Military as a Distinct Ethnic or Quasi-Ethnic Identity in Developing Countries. *Armed Forces & Society*, 34(2), 314-337.

Anexos

Anexo A – Carta de Consentimento Informado

Exmo (a). Senhor(a),

Venho por este meio solicitar a sua participação no projeto de investigação para Tese de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, sobre o tema “Experiência de ser soldado Paraquedista”, a decorrer no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA-IU). O presente estudo tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre o fenómeno supra citado, mais concretamente a vivência da experiência de ser soldado paraquedista. A sua colaboração neste projeto de investigação é voluntária e não remunerada. A investigação será realizada em dois momentos: (1) recolha de dados sociodemográficos e (2) entrevista. Não obstante, a qualquer momento poderá desistir de colaborar neste projeto. Os investigadores comprometem-se a garantir total confidencialidade.

Obrigada pela atenção dispensada.

AUTORIZAÇÃO

Se pretender fazer parte da investigação, assine por favor esta folha, deixando o seu contacto (para que possamos agendar a entrevista) e preencha os dados seguintes.

Tomei conhecimento dos objetivos do estudo, tendo sido esclarecido sobre todos os aspetos importantes e tomei conhecimento que a minha recusa, não terá consequências para mim. Assim, declaro que aceito participar nesta investigação.

O investigador responsável,

lilianapfc@hotmail.com

Anexo B – Dados Sociodemográficos

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Nome

2. Idade

3. Estado Civil

4. Posto/Graduação/Patente

5. Tempo de serviço

Anexo C – Guião da Entrevista

1. Antes:

- a) Explique-me o processo de escolha da carreira
- b) Conte-me a experiência no período de instrução
- c) Como foi o primeiro salto de paraquedas

2. Agora:

- a) Fale-me da sua experiência de ser soldado paraquedista
- b) Sente que esta experiência o mudou? (Caso a resposta seja afirmativa) Em quê?
- c) Existe mais algum aspeto ou experiência que queria partilhar comigo?

Anexo D – Análise das Entrevistas

P1:

Comentários	Entrevista	Significados psicológicos
<p>Na infância, via filmes que lhe despertaram o interesse pela vida militar.</p> <p>Possibilidade de se arrepender se não tentasse</p> <p>Alistou-se para o exército/Forças Armadas quando deixou de trabalhar.</p> <p>Queria ir para a Marinha mas não teve possibilidade por não abrirem concursos.</p> <p>Foi uma escolha sua ir para os paraquedistas.</p>	<p>E- Conte-me como foi o processo de escolha desta carreira.</p> <p>P1- Pá, olhe, eu... sinceramente... não sei se foi por ver filmes, por se não... mas estou a falar a sério, olhe... Quando era miúdo, tipo, via filmes, via filmes de tropa e por aí fora e foi uma coisa que sempre me chamou à atenção, sempre me despertou interesse... E sempre tive o interesse, tipo, de experimentar. Se não o fizesse acho que me iria arrepender para o resto da vida. Assim quando... Também como comecei a trabalhar cedo, mas a certa altura deixei de trabalhar e aproveitei que era a oportunidade ideal de eu dar o nome para o exército. Exército, isto é, Forças Armadas, porque a minha primeira tentativa foi para ir para a Marinha, nos fuzileiros, só que na altura eles não estavam a abrir concurso, foi na altura que começaram os cortes e cancelaram muitos, congelaram muitas coisas e por aí fora, e a Marinha não estava a aceitar ninguém nessa altura. Então entrei na porta ao lado e dei o nome para o exército e... já ia focado nos</p>	<p>Interesse pela vida militar desde a infância</p> <p>Possibilidade de arrependimento</p> <p>Motivado pelo desemprego</p> <p>2ª opção</p>

<p>Escolha dos Paraquedistas por se sentir atraído pelos saltos.</p> <p>Diz que na altura não sabia as diferenças entre ser Paraquedista ou pertencer a outra tropa.</p>	<p>Paraquedistas. E pronto, olhe, foi a minha escolha.</p> <p>E- Mas, dentro de todos, porquê os Paraquedistas?</p> <p>P1- Olhe... sinceramente acho que foi mesmo por causa dos saltos, porque eu também não percebia bem o que é que uma era, o que é que outra não era. Acho que o que me atraiu mais foi o facto de saltar e... porque ao fim ao cabo eu também não percebia o que é que era aquilo, não sabia o que é que uma fazia, não sabia o que é que era a outra... Acho que foi mesmo o paraquedismo é que me chamou mais a atenção.</p>	<p>Escolha pelos Saltos</p> <p>Falta de conhecimento sobre as vertentes das Forças Armadas</p>
<p>Atração pelos saltos devido à adrenalina, experiência nova e prestígio dos Paraquedistas.</p> <p>Ser pago para fazer uma coisa que os outros pagam para fazer.</p>	<p>E- Mas o que é que há nos saltos? O que é que chamava a atenção na parte do saltar?</p> <p>P1- Acho que era a adrenalina, o facto de cá fora ser uma coisa que toda a gente paga para fazer e ali pagavam-te para tu fazeres. Era ao contrário. Foi pela experiência. Sabia que eram uma tropa com prestígio e por aí fora e optei por ela.</p>	<p>Atração pela adrenalina</p> <p>Privilégio</p> <p>Gosto por novas experiências</p> <p>Atração pelo prestígio</p>
<p>Recruta mais fácil do que pensava.</p>	<p>E- Conte-me como foi a experiência do processo de recruta.</p> <p>P1- Sinceramente estava à espera que fosse pior. Foi uma coisa simples,</p>	

<p>Deu o nome com um amigo.</p>	<p>foi...dei o nome numa pré-entrevista com um amigo meu pela internet que eram 5 ou 6 questões. Depois fui chamado lá, depois já tive que preencher mais requisitos. Entretanto fui chamado para as provas físicas, provas médicas, passei nas provas, e pronto. Depois no fim perguntaram-me para que tropa é que queria ir e optei pelos Paraquedistas. E tive sorte, fui chamado ao fim de 2 meses.</p>	<p>Expectativa, face à recruta, diferente da realidade (mais fácil)</p>
<p>Descrição passo-a-passo do procedimento.</p>	<p>fui chamado para as provas físicas, provas médicas, passei nas provas, e pronto. Depois no fim perguntaram-me para que tropa é que queria ir e optei pelos Paraquedistas. E tive sorte, fui chamado ao fim de 2 meses.</p>	
<p>Considera que tinha feito boas provas.</p>	<p>E- Isso foi como as coisas aconteceram... Para si, como é que...</p>	
<p>Considera que tinha feito boas provas.</p>	<p>P1- É assim, para mim foi... É assim, eu sabia que tinha feito boas provas, eu também já estava à espera, não foi uma surpresa ter sido chamado porque eu sabia que tinha feito... sabia que tinha feito boas provas lá,</p>	
<p>Comparação com outros recrutas.</p>	<p>em comparação lá a... Havia lá pessoal que foi para lá que via-se que não praticavam exercício físico há</p>	<p>Comparação com outros recrutas</p>
<p>Já sabia quais eram as provas físicas e preparou-se para elas em conjunto com o amigo.</p>	<p>bastante tempo e eu como, com esse meu amigo com que eu dei o nome, já praticávamos exercício há bastante tempo e por aí fora, acho... e também já tínhamos visto que tipo de provas é que eram, a gente já se tinha preparado... já treinávamos cá fora para passar nas provas ali dentro. Pá, quando fui chamado foi... fiquei 2</p>	<p>Preparação prévia física para a recruta</p>

<p>Após 2 meses foi chamado e sentiu-se contente.</p> <p>Diz que as pessoas consideram-na melhor do que é.</p> <p>Diferente dos filmes.</p> <p>Muito tempo longe de casa, exercícios, impossibilidade de tirar férias quando quer.</p> <p>Fica longe do quartel por ser de Lisboa.</p> <p>Recomenda que experimentem</p>	<p>meses à espera né? Ninguém me disse nada durante 2 meses, mas depois quando fui chamado fiquei contente e... deram-me o dia para me apresentar em X local e começou a minha vida militar.</p> <p>E- E fale-me da experiência de ser paraquedista.</p> <p>P1- É assim... não é assim tão bom como as pessoas pensam, né? Uma pessoa pensa que é aquilo como nos filmes, que é isto, que fazem e acontece, mas tem os seus senãos né? Muito tempo longe de casa... às vezes sem vontade nenhuma temos que ir para os exercícios montes de dias e... às vezes não podemos tirar férias quando queremos, não... Pá, às vezes é complicado, porque às vezes queremos estar mais tempo em casa e não conseguimos. Mas também depende do local onde somos colocados né? Mas eu sendo de Lisboa sou longe do quartel dos paraquedistas, que ficam todos... ficam na zona de Santarém... E pronto, olhe. Mas é uma boa experiência. Recomendo.</p> <p>E- Sente que esta experiência o mudou?</p> <p>P1- Ah! Sem dúvida!</p>	<p>Felicidade por ser selecionado</p> <p>Experiência diferente das suas expectativas (pior)</p> <p>Muito tempo fora de casa</p> <p>Exercícios longos</p> <p>Limitações nas férias</p> <p>Recomendação da experiência</p>
--	---	--

<p>Diz que a experiência o mudou.</p> <p>Aprendeu a lidar com um mundo de homens.</p> <p>Distinção meninos vs. Homens.</p> <p>Crescimento pessoal.</p> <p>Diz que não tem grande saída profissional com o que aprendeu a nível tático e militar.</p> <p>Aprendizagens a nível de valores, amizade, respeito, educação e obrigações.</p>	<p>E- Em quê?</p> <p>P1- Deu-me experiência, fez-me crescer, aprendes a lidar com homens com mais... com homens assim... Não lidas tanto com miúdos, aquilo é um mundo de homens e... quem entra lá miúdo, sai de lá homem. E a tropa faz crescer como pessoa, ensina-te as coisas fundamentais da vida.</p> <p>E- Que tipo de ensinamentos?</p> <p>P1- É assim... A nível militar, o que a gente aprende a nível militar, tático, e por aí fora, não te vai dar grande... não te vai dar grande trabalho cá para fora, porque não há nenhum emprego cá fora, sem ser no exército, que possas empregar aquilo que tu aprendes cá fora. Mas a nível de valores, de amizade, respeito e de educação e obrigações, sem dúvida que te ajudam bastante.</p> <p>E- Existe mais algum aspeto ou experiência que queira partilhar comigo?</p> <p>P1- Ham... Como assim?</p> <p>E – Se há mais alguma coisa que não disse...</p> <p>P1- Não, acho que tá...Acho que... Vou ser sincero, acho que isto só... só</p>	<p>Aprendizagem no modo de relacionamento</p> <p>Transformação de meninos em homens</p> <p>Crescimento a nível pessoal</p> <p>Aprendizagens militares sem aplicabilidade no mundo civil</p> <p>Aprendizagem de novos valores</p>
---	---	--

<p>Considera que apenas quem passou pela experiência consegue perceber.</p> <p>Paraquedistas enquanto um mundo à parte.</p> <p>Ditadura.</p> <p>Quem não gostar, não consegue vingar nesta carreira.</p> <p>Considera que a Tropa paraquedista é um mundo rijo.</p> <p>Corre tudo bem se andarem na linha.</p>	<p>a pessoa e estando lá e... só a pessoa... Até temos palmas... só a pessoa estando lá e passar por aquilo é que percebe, é difícil explicar a quem nunca lá teve é um mundo à parte.</p> <p>E- Em que sentido?</p> <p>P1- Por exemplo, cá fora nós vivemos num país muito liberal, muito coiso, e aquilo lá dentro, quer as pessoas queiram ou não, aquilo é uma ditadura. Aquilo ou gosta-se ou não se gosta. E quem não gosta normalmente, às vezes, vai para lá à espera de grandes planos e... se calhar ao fim de uma semana está a pedir para desistir, ou vêm-se embora porque não aguentam aquilo. Aquilo é assim um mundo um bocado rijo mas... se o pessoal anda na linha, aquilo corre bem para toda a gente.</p> <p>E- Pronto, obrigada!</p>	<p>Experiência incompreensível para civis</p> <p>Paraquedistas enquanto um mundo à parte</p> <p>Paraquedistas enquanto ditadura</p> <p>Gosto pela profissão</p> <p>Mundo rijo/ exigente</p>
--	---	---

P2:

Comentários	Entrevista	Significados Psicológicos
<p>Refere que seguiu a carreira militar por influência da família e pelo facto de o pai ter sido paraquedista.</p> <p>Tornou-se curioso com a profissão por ouvir histórias do pai.</p>	<p>E- Conta-me como foi para ti o processo de escolha desta carreira.</p> <p>P2- Isto foi por influências, epá, não tenho muito para dizer, meu. Mas... foi através de familiares, como o meu pai foi paraquedista, eu também sempre ti.. quis obter o sonho de o ser. Ele contava-me como é que era, pá, e sempre tive aquela curiosidade. No entanto, quando fui dar o meu nome... han... lá aquela merda, decidi entrar.</p>	<p>Interesse pela vida militar por influência da família- vertente transgeracional</p> <p>Pai era paraquedista</p> <p>Curiosidade pela profissão</p>
<p>Considera o processo de recruta complicado por ter de mudar as rotinas todas, ter de receber ordens e acordar cedo.</p> <p>Refere que não pode falar de certas coisas.</p>	<p>E- E como é que foi para ti o processo de recruta?</p> <p>P2- Bem, o processo de recruta... é um bocado mais... complicado, porque foi fugir a uma rotina e entrar noutra, receber ordens, acordar cedo... Epá. Tem muitas merdas mas... sei lá, eu não te sei explicar. Há coisas que eu não te posso dizer.</p>	<p>Recruta complicada (mudança de rotinas, acatar ordens, acordar cedo)</p> <p>Secretismo</p>
<p>Refere que a experiência no período de instrução se baseava em acordar cedo, limpar a companhia, mexer</p>	<p>E- Mas fala-me um bocadinho da tua experiência no período de instrução.</p> <p>P2- Bem... levantar cedo, limpezas à companhia, hum... flexões até à morte, mais... hum... mexer com armas. Treino físico também está</p>	<p>Descrição de tarefas do período de instrução.</p>

<p>com armas, treino físico, e agressões.</p>	<p>incluído, correr todos os dias de manhã, não é? Hum... levar no focinho até não poder mais.</p>	
<p>Considera que era tratado mal e que ele e os colegas não valiam nada.</p>	<p>E- Isso eram as tarefas que vocês tinham não é? Mas como é que... como é que tu sentiste tudo isso? Como é que foi para ti?</p>	<p>Sentimento de desvalorização. Maus tratos</p>
<p>Era obrigado a seguir ordens e, caso não o fizesse, era castigado juntamente com todos os colegas.</p>	<p>P2- Tratado abaixo de cão, hum.. não valemos nada, né? É aquela fase de...pá, tu não vales mesmo nada e tens de ´tar ali a fazer o que eles te mandam porque se não... fode-se todos! Por um, fodem-se todos.</p>	<p>Obrigaçãõ de cumprir ordens Pelo erro de um, castigavam todos</p>
<p>Pensou em desistir mas considera que tinha mais força de vontade de acabar o curso.</p>	<p>E- Houve algum momento em que sentiste que preferias desistir? P2- Toda a gente pensa nisso, né? Mas... quando a força de vontade é maior, é sempre só mais um dia.</p>	<p>Pensamento de desistência Força de vontade superior</p>
<p>Revela que se sentia ansioso no primeiro salto, com dores de barriga.</p>	<p>E- Fala-me da experiência do teu primeiro salto de paraquedas.</p>	
<p>Diz que não consegue descrever.</p>	<p>P2- Bem, no meu primeiro salto fiquei com uma grande ansiedade, com uma dor na barriga... parecia que me ia borrar todo. Mas... mas depois... epá, quando ´tás naquele avião, ouves aquele barulho todo que ´tá lá dentro, ficas... epá, nem te sei descrever. Ficas bloqueado ou não sei... E depois até ao momento... quando saltas, é uma calma total.</p>	<p>Ansiedade no primeiro salto Dores de barriga Bloqueio até ao momento do salto Calma total no salto</p>
<p>Refere que se sentiu bloqueado até ao momento em que</p>		

<p>saltou, onde sentiu uma calma total.</p> <p>Refere que se sentiu orgulhoso ao receber a boina, e que o orgulho foi ainda maior por ter sido o seu pai a pô-la.</p> <p>Diz que não tem palavras para descrever.</p>	<p>E- Como é que foi receber a boina? O que é que sentiste naquele momento?</p> <p>P2- Como toda a gente, orgulho. Ainda para mais foi o meu pai a pô-me a boina, foi um orgulho ainda maior, não é? Por isso, nem há palavras para descrever esse momento.</p>	<p>Orgulho</p> <p>Maior orgulho por ser o pai a por-lhe a boina</p> <p>Falta de palavras</p>
<p>Refere que a sua experiência de ser paraquedista é andar de mochila às costas a fazer 30 km, e ser maltratado.</p>	<p>E- Gostava que me contasses agora qual é a tua experiência de ser soldado paraquedista. Como é para ti, o que é para ti ser soldado paraquedista.</p> <p>P2- Ser fodidos, mochila às costas... fazer 30 quilómetros, marchas de 30... Paraquedistas, o que somos? Amigos. O que queremos? Alvorada. O que amamos? O perigo. O que tememos? Nada. Em posição, já!</p>	<p>Marchas de 30 km</p> <p>Maus tratos</p> <p>revelação da força vontade, foco no ultrapassar o curso.</p>
<p>Brado paraquedista</p> <p>Considera que a experiência o mudou mas não sabe se para melhor ou pior.</p> <p>Aprendeu a ter disciplina.</p>	<p>E- Sentes que esta experiência te mudou?</p> <p>P2- Mudou, agora se foi para melhor ou para pior, não te sei responder. Uma coisa é certa, a disciplina 'tá cá.</p> <p>E- Para terminar, existe mais algum aspeto ou experiência, mais alguma história que não foi falada que queiras partilhar comigo?</p>	<p>Sentimento de mudança (não sabe se para melhor ou pior)</p> <p>Disciplina</p>

<p>Refere não haver mais nada de especial que gostasse de partilhar mas recomenda que quem tem curiosidade pela mesma, que a experimente.</p>	<p>P2- Li, sinceramente não tenho assim mais nada de especial mas, para os mais curiosos, experimentem.</p> <p>E- Pronto, obrigada pela tua participação.</p>	<p>Recomendação da experiência para quem tiver curiosidade</p>
---	---	--

P3:

Comentários	Entrevista	Significados Psicológicos
<p>Considera que se interessou pela vida militar por ter tido uma educação pró-militar em casa e na escola.</p> <p>Queria entrar na Academia, mas como cumbou a Matemática no 12º, não pode, mas alistou-se na mesma.</p> <p>Os paraquedistas foram a sua única opção.</p> <p>Refere que as decisões vieram da família, por ter um</p>	<p>E- Pronto, gostava que me contasses como foi o processo de escolha desta carreira.</p> <p>P3- Hum... Pronto, portanto... Eu... Eu tive uma educação, isto um bocado voltando atrás, tive uma educação um bocado mais pró-militar. Em casa e na escola, portanto a carreira militar sempre ‘teve um bocado presente no... no meu futuro, naquilo que eu iria escolher para o meu futuro. E o objetivo era a Academia, queria entrar na academia. Quando fiz o 12º ano, não... chumbei a matemática no exame nacional e alistei-me à mesma, porque era uma coisa que eu já queria fazer, principalmente escolher a... os paraquedistas foi a minha única opção até no... quando me alistei nas três opções que pus, pus só paraquedistas, não pus outra coisa. E basicamente... foram estas decisões, as decisões vieram de trás, de família, porque eu já tinha tido um familiar que tinha lá</p>	<p>Escolha devido à educação pró-militar em casa e na escola</p> <p>Objetivo de entrar na Academia Militar</p> <p>Paraquedistas eram a única opção</p> <p>Familiar que tinha sido paraquedista</p>

<p>familiar que esteve na tropa.</p> <p>Quando teve idade foi ao centro de recrutamento onde tentaram que fosse primeiro para a tropa normal, o que não aceitou.</p>	<p>estado.... E veio daí. Depois foi só ter idade e... procurar. Fui ao centro de recrutamento, quando me sentei lá com o oficial que lá ‘tava, ele bem que me tentou meter para outros sítios, porque eles tentam sempre evitar que a malta vá para as Forças Especiais, primeiro que vá para a tropa normal e depois lá dentro que se mude, eu pedi logo que não, pedi logo para ser colocado em Tancos, e fui colocado e... lá estou.</p>	<p>Recusa da tropa normal antes dos paraquedistas</p>
<p>Refere que o familiar que esteve na tropa, esteve nos paraquedistas. Por isso os escolheu.</p> <p>Considera que a recruta foi mais fácil para si devido à sua educação militar.</p>	<p>E- Mas os paraquedistas foi porque alguém da família já era paraquedista?</p> <p>P3- Sim, veio de influência de alguém da família, exatamente.</p> <p>E- E como é que foi a experiência no processo de recruta? No período de instrução?</p> <p>P3- A recruta, pronto, lá ‘tá, como eu já tinha tido um passado um bocado com a educação militar, a recruta não teve tanto impacto como eu vi que teve nas outras pessoas. Teve algum impacto, sim, mas não era nada que eu já não estivesse à espera. Posso-te dizer que o que me custou mais foi a seguir à recruta, aí é que, o chamado curso de combate. Aí é que teve um forte impacto, porque aí sim era muito... era tudo novo para mim. A recruta não era... não era muito nova porque, lá ‘tá, eu ‘tive numa escola com ensino militar, então não... não me era nada difícil. Posso-</p>	<p>Escolha dos paraquedistas devido ao familiar que lá esteve</p> <p>Recruta fácil devido à sua educação militar</p> <p>Curso de combate como novidade</p>
<p>O que lhe custou mais foi o curso de combate, por ser tudo novo para ele.</p> <p>Refere que esteve numa escola de ensino militar.</p> <p>Refere que no Curso de combate sentiu dor, pressão</p>	<p>o que me custou mais foi a seguir à recruta, aí é que, o chamado curso de combate. Aí é que teve um forte impacto, porque aí sim era muito... era tudo novo para mim. A recruta não era... não era muito nova porque, lá ‘tá, eu ‘tive numa escola com ensino militar, então não... não me era nada difícil. Posso-</p>	<p>Escolaridade militar</p> <p>Dor</p> <p>Pressão psicológica</p>

<p>psicológica, e pensou em desistir mas considera que não era o desistir a sério, era apenas por se sentir mal naquele momento. Refere evolução na sua capacidade de crer. Diz que o curso de combate foi um choque e que foram semanas duras.</p>	<p>te falar disso a seguir á recruta, que foi o que me causou mais impacto, aí sim consegui sentir dor, sentir... uma certa pressão a nível psicológico... não há... toda a gente pensa em desistir, isto é um facto, mas é o pensar em desistir mas não é o vou desistir, desistir! É... vou desistir porque 'tou mal hoje, amanhã já é diferente. Isso sim foi... foi das coisas que eu senti uma evolução tremenda na minha capacidade de crer... foi no curso de combate. Não tanto na recruta, para quem não conhece, aquilo é um choque, sempre, eu conhecendo, tive o choque no curso de combate porque foram... foram semanas... não foram complicadas mas duras.</p>	<p>Pensamento de desistência do curso</p> <p>Evolução na capacidade de crer</p> <p>Curso de combate como choque e duro</p>
<p>Considera que o ponto mais difícil foi o exercício de prisioneiros de guerra, que faz parte do exercício final, pois sentia que a cabeça dava ordens e o corpo não reagia a essas ordens. Não considera que tenha perdido a noção mas que foi onde sentiu mais</p>	<p>E- Qual é que consideras que foi o ponto mais difícil?</p> <p>P3- O ponto mais difícil que eu tive foi num exercício, isto já no final do curso todo, foi no exercício do exercício final, fomos largados duas semanas no... em Abrantes. E aí tive a parte mais difícil que foi o exercício de prisioneiros de guerra. Aí sem dúvida que foi a única... das poucas vezes em que eu senti que a minha cabeça não... que o que o meu cérebro estava a mandar fazer, o meu corpo não reagia. E foi aí que eu... não perdi a noção porque consegui cumprir a prova mas... foi aí que eu senti mais... mais pressão e... a parte mais difícil foi nesse... foi nessa prova de exercício final.</p>	<p>Prisioneiros de guerra foi o mais difícil</p> <p>Cabeça comandava e o corpo não reagia</p> <p>Pressão</p>

<p>pressão e foi mais difícil.</p> <p>Considera que nunca se esquece o primeiro salto. Diz que foi assustador e que conta a história muitas vezes. Refere que estava bem quando entrou no avião e se sentou. Explica os procedimentos do salto. Lembra-se que estava tranquilo e a rir-se, apesar de estar um bocadinho nervoso, até o largador os mandar levantar. Considera que aí se apercebeu que ia saltar e questionou-se do porquê de ter escolhido os paraquedistas, do que faria se o paraquedas não abrisse. Refere que no momento em que está a ter estes pensamentos já saiu do avião e faz o que</p>	<p>E- E como é que foi a experiência do primeiro salto de paraquedas?</p> <p>P3- Bem, o primeiro salto é aquilo que eu acho que nunca ninguém se esquece. Foi... foi assustador. Foi assustador, posso-te dizer... lembro-me, conto esta história muitas vezes... até entrar dentro do avião, equipado, sentado, ‘tava tudo bem. Depois os lançamentos, aquilo são divididos por... por patrulhas, vai uma patrulha, vai outra, vai outra, normalmente doze, treze homens, pronto... eu ia na terceira ou na quarta patrulha, não me lembro, e lembro-me de ir a primeira, ir a segunda, ir a terceira, aí eu ‘tava calmo, tranquilo, sentado, a rir-me, claro que um bocado nervoso, mas quando o largador nos manda levantar e enganchar o... enganchar no... arame que lá ‘tava... aí sim, caiu-me tudo. Parece que a ficha cai, ‘tás a ver? E... e eu só pensava, porque é que eu vim para aqui? Porque é que eu não fui para outro... naquelas frações de segundo, naquele minuto antes de começarmos a ser lançados, comecei a ponderar, a perguntar-me: mas porquê? Porque é que... e se agora isto não abre? E se agora... foram seis meses, no meu caso foram sete, mas pronto, teoricamente são seis. Foram seis meses de treino e agora... pá! E no momento em que eu ‘tou a pensar, já ‘tou a sair, e quando ‘tou a sair faço aquilo que fui treinado para fazer e acho que é algo que nunca me vou esquecer. Uma das coisas que eu tenho noção</p>	<p>Primeiro salto como inesquecível e assustador</p> <p>Tranquilidade antes do momento do salto</p> <p>Dúvidas relativamente à escolha de ser paraquedista</p> <p>Medo que o paraquedas não abrisse</p>
---	---	---

<p>foi treinado para fazer. Refere que nunca fechou os olhos e que se lembra de tudo o que viu e sentiu. Refere que é uma sensação que nunca vai esquecer.</p>	<p>é que eu não fechei os olhos, então eu vi tudo. Eu vi quando recebi a pancada do vento, lembro-me de ver tudo azul e, de repente, estabilizar e ver o... e ver do alto, como se ‘tivesse a voar, ver tudo, o rio Tejo ao fundo, o arrepiado, foi onde nós saltamos, o céu azul... E foi uma sensação que jamais irei esquecer.</p>	<p>Lembrança de tudo o que viu e sentiu no salto</p>
<p>Conta que quase chorou ao receber a boina por se aperceber que foi algo que conseguiu através do seu esforço, sozinho e apenas por si, o que o fez crescer. Teve um misto de memórias de tudo o que passou no período de instrução, bem como refere ter sentido tudo o que o seu familiar que tinha sido paraquedista deve ter sentido, pois, pelas poucas conversas que teve com ele, considera que ele lhe transmitiu o que sentiu naquele momento. Refere que pensou muito no</p>	<p>E- E como é que foi a altura de receber a boina?</p> <p>P3- A altura de receber a boina, quase que chorei... Foi... foi provavelmente a primeira vez que... que eu consegui alguma coisa vinda de fruto do meu esforço, provavelmente, tirando a escola, pronto, os testes, mas isso tínhamos sempre os nossos pais atrás a falar com os professores. Foi a primeira vez que eu tive a noção de conseguir fazer algo por mim mesmo e isso foi uma prova muito forte para mim, que me fez crescer também. E depois veio o misto das memórias de tudo aquilo que tinha passado naqueles seis meses. Tudo aquilo que esse meu familiar sentia, eu senti naquele momento, porque as poucas... ele já não está entre nós, mas a poucas conversas que tivemos sobre isso, aquilo que ele me transmitia, eu senti um bocado, e, sem dúvida que também foi por ele que eu... que eu ganhei.... E pensei muito nele quando ganhei a boina. E também um sentimento de orgulho extremo porque nem todos</p>	<p>Sensação inesquecível</p> <p>Perto do choro</p> <p>Algo que atingiu através do seu esforço</p> <p>Algo que alcançou sozinho</p> <p>Sentimento de crescimento</p> <p>Misto de memórias do que passou no período de instrução</p> <p>Sentiu o que o seu familiar ex-paraquedista sentiu</p> <p>Pensamento no familiar</p>

<p>familiar quando recebeu a boina. Sentiu orgulho extremo por ser dos poucos que conseguiram terminar. Também sentiu orgulho dos seus colegas.</p> <p>Considera que o paraquedista é um soldado diferente dos outros. Refere que existe outra força do exército que também salta de paraquedas.</p> <p>Refere que os militares se devem orgulhar na história e que a devem conhecer, que é o seu caso, que devem saber porque existem. Diz que essa história transmite logo orgulho, algo que os ensinam a</p>	<p>conseguem, e eu posso dizer-te que no meu curso entrámos 120 e acabamos 42, 43. Portanto, foi uma seleção forte e fiquei muito orgulhoso de mim por ter conseguido e dos homens que ‘tavam todos comigo, claro, também.</p> <p>E- Fala-me da tua experiência de ser soldado paraquedista, o que é, como é, para ti.</p> <p>P3- Ok, pronto. Falar de paraquedista, primeiro, é um soldado diferente dos outros todos. Para além das componentes específicas que é saltar de paraquedas, apesar de haver uma força também do exército que também salte de paraquedas, que são os O.E’s, mas isso já tem a ver com trabalho interno porque eles têm de tirar o curso, não me perguntes porquê, faz parte dos regulamentos, pronto. É um soldado diferente, é um soldado que, pela história, acho que um militar assim tem que se orgulhar na história, tem que conhecer, eu sou uma pessoa que gosta... quando representa uma... quando representa uma coisa, ou uma empresa, ou uma organização, uma instituição, que neste caso são os Paras, acho que é necessário sabermos a história, o que é que... porque é que existimos. E essa história transmite-nos logo ao início um orgulho tremendo naquilo que ‘tamos a fazer. E somos instruídos desde o primeiro dia a orgulharmo-nos daquilo que somos, e</p>	<p>Extremo orgulho por terminar o curso</p> <p>Orgulho nos colegas</p> <p>Paraquedista é um soldado diferente dos outros</p> <p>Orgulho na história do paraquedistas</p>
---	--	--

<p>sentir desde o 1º dia. Considera que todas as forças são necessárias para o funcionamento do exército, mas que aprendeu que os Paras são especiais e os melhores, pela dureza do curso, sujeitos a frio e calor, estarem sempre a treinar, dar tiro. Isto faz com que se sinta útil para o país e para a sua unidade. Considera que já não se formam soldados como há 20 anos, onde as características eram diferentes, que têm de se complementar ao avanço da sociedade.</p> <p>Referência a orgulho nos Paras, e diz que não há mais para descrever aquilo que sentem.</p>	<p>basicamente... não é desprezar porque ensinam-nos que todas as forças são necessárias para o funcionamento do exército mas ensinam-nos a... nós somos especiais, nós somos melhores que todos os outros. E não só pela componente física, não só pela... pela dureza do curso, porque somos sujeitos ao frio e ao calor, estamos sempre... estamos sempre às voltas, sempre a treinar, sempre a treinar, sempre a dar tiro, tiro de combate... ‘tamos sempre em movimento, isso faz-nos sentir realmente que vamos ser especiais e que vamos ser uma força... vamos ser úteis para o país e para a unidade que representamos. Isso é o principal ponto, para mim, do soldado paraquedista. É ter orgulho na história. E depois é complementar a forma atual das coisas com aquilo que podemos fazer. Óbvio que já não se podem formar soldados como se formavam à vinte anos, as características eram completamente diferentes do que é hoje em dia. Hoje em dia a sociedade avançou de uma maneira em que tudo o resto tem se complementar à sociedade. Mas mesmo assim conseguimos enaltecer aquilo que somos, e... é um tremendo orgulho. Acho que não há muitas palavras para descrever exatamente aquilo que nós podemos sentir do que senão o orgulho mesmo em si, e por extenso mesmo orgulho, e.... para mim, uma das coisas mais fundamental, é o serviço ao país, e isso eu tenho muito em conta. Então</p>	<p>Paraquedistas são especiais e melhores</p> <p>Treinos mais duros, sujeitos ao frio e calor, sempre a treinar e a dar tiro.</p> <p>Sentimento de utilidade pra o país e para a unidade.</p> <p>Características do soldado paraquedista diferentes das de há 20 anos</p> <p>Orgulho nos paraquedistas</p> <p>Falta de palavras para descrever o que os</p>
--	--	---

<p>Considera uma das coisas fundamentais o serviço ao país.</p>	<p>tu servires num sítio que é especial... é um orgulho pessoal, sim. Essa basicamente, é....</p>	<p>paraquedistas sentem</p> <p>Serviço ao país</p>
<p>Considera que um paraquedista deve ter força, força de crer, e muito psicológico, que tem de estar a funcionar em situações de stress. Refere que os treinos não dão a noção do real.</p>	<p>E- Falas-te em características... consideras que existem características que uma pessoa deve ter para ser soldado paraquedista?</p> <p>P3- As características... sim. As características mais... é força, e força de querer, e cabeça, muito psicológico. O psicológico tem de estar a funcionar e tens de saber reagir em situações de stress. Nunca estivemos em combate, nunca presenciámos... em treinos nunca tens a sensibilidade do que é que é o real, mas... sem dúvida que a força e o psicológico são muito... são uma componente muito forte para quem quer ser paraquedista. Depois tem que vir... no fundo, depois tem que vir do berço, da educação e a tua forma de ser porque se entrar lá alguém que nunca teve nenhum tipo de disciplina, que não consegue acatar ordens ou... ter alguém a mandar pode ser difícil, mas isto tanto no exército como em qualquer lado. Num trabalho futuro, se não tivermos... se ninguém conseguir respeitar a ordem de alguém acima de nós, mesmo que seja num café, num restaurante, numa empresa, essa pessoa nunca se irá dar bem no local de trabalho. Portanto isso também é muito... é muito indicativo de um soldado paraquedista porque nós não</p>	<p>Deve ter força, força de crer, e psicologicamente capaz de lidar com situações indutoras de stress.</p> <p>Treinos diferentes da realidade</p> <p>Características vindas da educação</p> <p>Disciplinado</p> <p>Capaz de acatar ordens</p>
<p>O resto tem de vir da educação, e diz que quem não tem disciplina e não sabe acatar ordens, pode considerar difícil estar no exército ou em qualquer lado. Sem respeitar ordens superiores, não se</p>	<p>Respeitar ordens superiores, não se</p>	

<p>podem estar bem no trabalho. Considera que os paraquedistas não questionam e fazem o que os mandam fazer. Sabem ouvir e fazem o que lhe mandam como mandam. Após a conclusão da tarefa, podem dar a opinião, mas não questionam, e considera isso fundamental. Diz que confiam uns nos outros, e que se protegem entre si, daí não questionarem e também pela existência da hierarquia. Considera que tudo o que fazem, fazem bem, e isso é o que faz com que alguns não consigam ser paras. Refere que teve alguns colegas que não aceitavam ordens e que</p>	<p>questionamos. Se os nossos comandantes, nossos oficiais, nossos superiores, os nossos cabos, sargentos, dizem-nos faz, fazes. Tens de saber ouvir, pensar na melhor maneira que tu tens de fazer aquilo, ou eles dizem-te: olha, vais para aqui, vais fazer isto, a tua missão é esta. Tu nem ai, nem ui, fazes e depois no final é que podes chegar ao pé da pessoa e dizer: olha, não achei isto bem, ou secalhar não devíamos ter feito isto. Mas fazes, não questionas, e isso... fundamental... é a parte fundamental numa boa organização de um soldado paraquedista. Confiamos todos uns nos outros, sabemos que estamos todos para nos proteger uns aos outros, portanto não questionamos e também porque a hierarquia, faz parte da hierarquia militar, então não questionamos as ordens que nos são dadas, porque a nossa missão é a nossa missão e o que nos dizem que temos de fazer, nós fazemos e fazemos bem, porque senão toda a gente era paraquedista, né? Fazemos bem, e isso é o ponto fundamental. Pois, mas lá 'tá, se não houver uma certa... não é educação, mas sim, uma certa forma de lidar, de educação, provavelmente não... conhecia algumas pessoas que provavelmente não... pronto, não tinham... que não aceitavam pessoas de cima falar, dar ordens, e respondiam mal, faziam caras feias e esses depois não chegaram a terminar, como é óbvio. Portanto, soldado paraquedista é um</p>	<p>Não questionar</p> <p>Saber ouvir</p> <p>Saber fazer o que mandam como mandam</p> <p>Confiança entre si</p> <p>Proteção entre si</p> <p>Não questionam devido à confiança e à hierarquia</p> <p>O que fazem, fazem bem</p> <p>Não saber aceitar ordens e responder mal</p>
---	--	---

<p>respondiam mal que não acabaram o curso. Acrescenta que os Paras são disciplinados e orgulhosos, e que precisam de saber engolir sapos. Considera que são testados a níveis bastante pesados.</p>	<p>soldado disciplinado, orgulhoso daquilo que faz... posso dizer, mas isto em todo o lado do exército, não só nos Paras mas... no fundo não é comer e calar mas é saber engolir muitos sapos. Isso é uma característica do militar em si. Não do militar paraquedista mas do militar em si. Mas sim, basicamente o que eu disse à bocado, é preciso força e muito psicológico porque somos testados a níveis um bocado pesados até, nalgumas coisas.</p>	<p>leva a que não se acabe o curso</p> <p>Disciplinados</p> <p>Orgulhosos</p> <p>Saber engolir sapos</p>
<p>Considera que a experiência o mudou, uma vez que estava habituado a um tipo de vida e pares da mesma camada social que o levava a não compreender como o país estava em crise, pois nunca lhe faltava nada. Sente-se agradecido por não ter entrado na Academia, pois</p>	<p>E- Sentes que esta experiência te mudou? P3- Mudou. Sinto e posso falar-te um bocado de mim antes de entrar na tropa, eu sempre tive habituado a um certo tipo de vida, com um certo grupo de pessoas que éramos basicamente todos do mesmo... pronto, da mesma camada social... e isto foi importante para o meu crescimento porque eu tava habituado a uma certa... a um certo... não digo estatuto mas um certo tipo de vida e o que via nas notícias achava um bocado... na altura, isto foi quando ‘tavamos a entrar em crise, não havia... havia pessoas sem dinheiro, e eu pensar “bem, isto não pode ser assim porque eu...”, eu tinha 16, 17 anos, e se a mim não me falta nada, como é que pode faltar a alguém, não é? As pessoas trabalham, vejo os meus pais a sair às nove a chegar às sete a casa portanto.... Esta era a minha realidade e quando me alistei e foi das coisas que eu acho que ainda bem que eu não</p>	<p>Testes pesados</p> <p>Pares da mesma camada social</p> <p>Incompreensão relativamente à crise financeira do país</p>

<p>quando entrou nos paraquedistas com pessoas de níveis sociais abaixo do seu, sentiu a verdadeira mudança em si, ao ver que havia pessoas piores que ele. Considera que ver as dificuldades dos outros o fez crescer, bem como ajudá-los e conviver com eles, pois conheceu novas e diferentes vivências. Perceber as realidades distintas do nosso país foi o que o fez crescer. Considera engraçado o facto de serem tão diferentes e conseguirem coexistir, encontrar semelhanças, darem-se bem. Quando se distribuem por pelotões, criam laços com pessoas</p>	<p>entrei na Academia nesse ano. Porque quando eu me alistei, eu entrei com pessoas de níveis sociais mais abaixo que o meu, e isso posso dizer que foi a verdadeira mudança na minha vida porque eu consegui perceber que há pessoas que... pá, que 'tão mal... que a vida, pronto, não foi tão... bem, whatever. Percebi que havia pessoas piores que eu, entre aspas. E isso é o que me fez crescer, ver as dificuldades dos outros, poder ajudar os outros, que era algo que eu nunca tinha feito, que era... sei lá, sentar-me e conviver com pessoas que não tinham... que não viveram o mesmo que eu e eles sentarem-se com pessoas que nunca... eles nunca viveram aquilo que eu vivi até aquela altura. Isso foi das coisas que mais me fez crescer, foi perceber as realidades distintas que há no nosso país. E depois, aí tá a parte engraçada, que entramos todos como soldados, cada um do seu estatuto social, veio de onde veio e coexistimos, conseguimos encontrar pontos de semelhança, onde nos demos todos lindamente, e... pronto, depois temos os nossos grupos, temos as nossas secções, vamos ser distribuídos... somos distribuídos por pelotões e depois criamos laços com as pessoas que trabalham diretamente connosco, normalmente essas pessoas mantêm-se até ao final da tua carreira. E... tudo aquilo que eu achava, que aos 17, 18 anos achava prioritário, que era o ter boa</p>	<p>Sentimento de gratidão por não entrar na Academia</p> <p>Mudança ao conhecer pessoas de níveis sociais abaixo do seu</p> <p>Crescimento</p> <p>Ajudar os outros</p> <p>Convívio</p> <p>Conhecimento de novas e diferentes vivências</p> <p>Capacidade de coexistência e de boa convivência</p>
--	--	---

<p>que trabalham juntas diariamente e que considera que se mantém até ao fim da carreira. As crenças que tinha aos 17/18 anos desapareceram e deu senti que se fomentou mais o espírito de camaradagem, de corpo. Considera que os antigos ganham respeito aos soldados quando estes conseguem ser o mesmo que eles.</p> <p>Conta a primeira e última história que realizou com a sua antiga secção e onde se davam todos lindamente. Considera que a sua secção era uma das melhores, se não a</p>	<p>roupa, ter dinheiro, ter... sei lá, aquelas coisas que temos quando somos mais jovens, isso desaparece tudo e fomenta-se o espírito de corpo, de camaradagem... não interessa o que tu tens, temos todos a mesma farda, somos todos... passamos todos pelo mesmo e isso é uma diferença que tu vês quando chegas aos batalhões, é que tu achas que vais chegar e pensas “ eia os antiguihos todos, ‘tão aqui todos, vamos... isto vai ser... pronto... o que é que vai ser?” e a única coisa que eles te dão até ganhares o respeito deles é “não, tu conseguiste ser o mesmo que nós” e, portanto, isso é reconhecido por todos, não interessa de onde vens, como vens, o que é que és. Isso foi a coisa que mais me fez crescer com esta experiência. Fora o resto que... completei com aquilo que já sabia, né? O resto depois vem.</p> <p>E- Existe mais algum aspeto ou alguma experiência ou mesmo alguma história que não tenhamos falado que queiras partilhar comigo, que sintas que é essencial?</p> <p>P3- Olha... história, posso-te contar um exercício que tive. Foi... foi um exercício... qual é que foi? Foi praí dos últimos exercícios que eu fiz com a minha antiga secção. Eles... davamo-nos todos lindamente, porque houve malta que concorreu à escola de sargentos, então saiu, e malta que, pronto, acabou os contratos e</p>	<p>Criação de laços que duram até ao final da carreira</p> <p>Mudança no espírito de corpo e camaradagem.</p> <p>Merecedores de respeito por parte dos mais velhos ao atingir o estatuto de paraquedistas</p> <p>Reconhecimento</p>
---	--	---

<p>melhor, da companhia. Conta que o Sargento da sua secção teve de sair, não se lembra porquê e ficaram apenas Praças para realizar o exercício, que eram avaliações de secções. Lembra-se que foram a melhor secção, apesar de serem só praças, pois conseguiam completar-se, pareciam um filme ou jogo de computador onde tudo estava a sair tal como tinham aprendido. Considera que esta foi a primeira experiência que teve num exercício a sério e que sentiu que era um militar a fazer aquilo que lhe competia e que o estava a fazer bem. O que lhe deu mais orgulho foi serem</p>	<p>depois saiu também... Foi o últ... treinámos para aquele exercício milhares de vezes, eramos das melhores secções da comp... a melhor secção, se não a melhor secção da companhia, que era a 3ª secção do 2º Pelotão, e davamo-nos todos lindamente e íamos fazer o primeiro exercício como secção. Isto foi o primeiro e depois conto-te o último. O primeiro exercício como secção, conhecíamos-nos todos do convívio mas nunca tínhamos trabalhado, então fomos treinar. Fomos trabalhar sargento, cabo e soldados. Secção completa. Fomos treinar e depois o cabo... o sargento teve que sair, o sargento teve que ser deslocado, teve que ser colocado num sítio qualquer, foi fazer... foi fazer não sei o quê, já nem me lembro, ficou o cabo como comandante da secção. E era avaliações de secções, exatamente, o exercício era componente do exército, avaliações de secções. Então era todas as secções com sargento e nós com um cabo. E fomos a melhor secção, conseguimos trabalhar, conseguimos completar-nos, parecia que aquilo... parecia um jogo de computador ou um filme, porque aquilo tava a sair tudo... tudo como tínhamos aprendido! Essa foi a primeira experiência que eu tive num exercício a sério, também que... pronto, tu 'tás como militar profissional e 'tás a fazer aquilo que te compete, no fundo não passa disso. Como uma pessoa, um economista ir para o... um</p>	<p>Boa relação com a antiga secção</p> <p>Uma das melhores secções da companhia</p> <p>Exercício realizado só com praças</p> <p>Melhor secção do exercício</p> <p>Sentimento de que a equipa se complementava</p>
--	---	---

<p>apenas praças e terem conseguido ser os melhores da companhia, por terem vindo todos da escola e não de outras tropas. Considera que ao entrar por outras tropas se perde alguma mística, e que a mística estava toda presente naquele exercício por terem vindo todos da escola e terem passado todos pela mesma recruta, curso de combate e curso de paraquedismo. Refere que isso lhe transmitiu força e muito orgulho no que fazia. Conta o último exercício com essa secção, em que considera ter sido mais complicado porque estava a chover muito. Apesar disso,</p>	<p>advogado ir para o escritório, vai fazer aquilo para que é pago que é ser advogado. E foi aí que eu senti que o dinheiro que me tavam a pagar por ser militar ‘tava a ser... ‘tava a ser investido porque nós ‘távamos a fazer bem aquilo que ‘távamos a fazer. E... o que me dava mais orgulho nisto tudo era que era uma secção só de praças, não havia nenhum sargento, não havia nenhum oficial, era só praças e conseguimos ser os melhores da companhia, só com praças e isso... isso eu senti um especial orgulho porque vínhamos todos do mesmo sítio, vínhamos todos da escola, não entramos, como aquilo que eu te disse, que é o que fazem nos centros de recrutamento que é mandam primeiro para a tropa normal... isso acontece muito com os sargentos contratados, eles muitas vezes vão para a tropa normal e depois é que vêm... então perde-se ali um bocado de mística... e ali a mística estava toda porque vínhamos todos da escola, vínhamos todos do mesmo sítio, passamos praticamente todos pelo mesmo, recruta, curso de combate, curso de paraquedismo, incluindo exercício final e prisioneiros de guerra, ‘tás a ver? Então isso transmitiu-me muito... muita força e muito orgulho naquilo que estávamos a fazer e transmitiu mesmo. Depois posso-te contar o último exercício, que aí já tínhamos o sargento, voltamos... não sei se fomos, aí já não me lembro se fomos a melhor secção, mas também foi um exercício... foi um</p>	<p>Primeiro exercício que se sentiu um militar</p> <p>Orgulho na secção (composta apenas por praças que vieram da escola)</p> <p>Existência de mística por serem paraquedistas</p>
--	--	--

<p>correu tudo bem, lembra-se de estarem muito cansados, todos reunidos dentro de uma das viaturas e que ele e outro colega estavam a tentar puxar pelo ânimo dos restantes, contando piadas, pondo música no telemóvel, para levantar a moral uma vez que estava frio e chuva e estavam há cerca de uma semana fora do quartel. Relembra um curso que tirou devido à preparação para o Kosovo, de controlo de tumultos, onde, apesar de não ir para a missão, sentiu que o batalhão estava todo em sintonia e que foi um curso</p>	<p>exercício complicado porque... complicado em termos climatéricos, só, ‘tava a chover muito, lembro-me perfeitamente que ‘tava a chover muito, hum... mas correu tudo bem, já tínhamos sargento e lembro-me de ‘tarmos completamente cansados e de ‘tarmos com... de ‘tarmos a secção reunida, dentro de uma das viaturas, dos camiões e mesmo assim ‘távamos a conseguir fazer... Lembro-me que era eu e mais um, que também era granadeiro, ‘távamos sempre a puxar pelos ânimo da malta, sempre a dizer piadas, a meter músicas no telefone, que tínhamos os nossos telefones connosco, ‘távamos sempre ali a tentar levantar a moral, ‘tava frio, ‘tava chuva, já ‘távamos praí há uma semana fora do quartel... pronto, isso também foi muito bom. Depois também tivemos histórias de... que nós aprendemos... tirámos um curso que era o CRC que é controlo de tumultos. Essa experiência também foi engraçada, com aquela secção, foi algo também... mas aí já não era muito componente militar, aí já... ‘távamos em preparação para o Kosovo, não íamos mas como o batalhão estava todo em preparação, então ‘távamos todos em sintonia. Então aquilo era mais polícia de choque, por acaso teve piada, era uma coisa diferente, a malta também curtiu imenso, gostou muito, foi giro.</p> <p>E- Pronto, obrigada pela tua participação!</p>	<p>Transmissão de força e orgulho no que faz</p> <p>Último exercício com a secção antiga foi complicado devido à chuva</p> <p>Cansaço</p> <p>Tentativa de animar os colegas no exercício através de piadas e música</p> <p>Lembrança de uma experiência agradável num curso</p>
---	--	---

que todos gostaram de fazer.		
------------------------------	--	--

P4:

Comentários	Entrevista	Significados Psicológicos
<p>Afirma que a escolha da carreira militar foi aleatória, porque não queria continuar a estudar, por isso concorreu pela net.</p> <p>Escolheu os paraquedistas pelos saltos de avião.</p> <p>Revela que se queria vir embora, pois tinha ido para os paraquedistas para poder saltar de avião e não estava à espera que englobasse muitas das coisas que englobava.</p>	<p>E- Então, conta-me como foi o processo de escolha desta carreira.</p> <p>P4- De ser paraquedista?</p> <p>E- Sim.</p> <p>P4- Foi... foi bastante aleatório, até. Eu na altura não queria estudar e lembrei-me da tropa. Fui à net e apareceu lá as tropas paraquedistas e pronto, nem pensei duas vezes, concorri para essa.</p> <p>E- E o que é que te chamou mais a atenção nos paraquedistas?</p> <p>P4- Saltar de avião.</p> <p>E- Hum, hum, ok. Então e conta-me como é que foi a tua experiência no processo de recruta... no período de instrução.</p> <p>P4- Eu vou ser sincero, eu quando fui para lá, eu só me queria vir embora. Porque eu pensava que ia para lá, porque eu queria ir para lá para saltar de avião, né?</p> <p>E- Sim...</p>	<p>Escolha dos paraquedistas por não querer continuar os estudos</p> <p>Escolha dos paraquedistas pelos saltos de avião</p> <p>Pensamento de desistência durante o período de instrução</p>

<p>Revela que pensou em desistir porque demorou muito tempo até poder saltar de avião. Diz que descobriu muita coisa lá que ainda não sabia e que se dececionou.</p> <p>Considera que existem pontos difíceis uns atrás dos outros e que não consegue escolher um, que todos os dias são difíceis até acabar a instrução e que é sempre a sofrer.</p>	<p>P4- Só que aquilo engloba muitas outras coisas. E então, pronto... mas lá me fui... consegui aguentar e pronto, e continuei lá.</p> <p>E- Mas o que é que te levou a pensar que... pronto, pelo que tu me disseste fiquei com a sensação que tinhas a intenção de... algumas vezes pensaste em desistir...</p> <p>P4- Sim porque eu até... eu até conseguir saltar de avião demorou quase um ano...</p> <p>E- hum, hum...</p> <p>P4- E então ‘tava um bocado farto daquilo e.... e pronto... Havia muita coisa que eu depois descobri lá que ninguém me tinha dito cá fora, ‘tás a ver? E então... pá, ‘tava um bocado dececionado, não sei.</p> <p>E- Qual é que consideras que foi o ponto mais difícil que tiveste que passar?</p> <p>P4- Sei lá... essa pergunta é difícil, foram tantos, sei lá. Aquilo é um ponto difícil de cada vez. Por isso não te sei dizer agora só um. Aquilo todos os dias é difícil, sei lá. Até acabar a instrução, é sempre difícil, é sempre a sofrer.</p>	<p>Desconhecimento do que engloba ser paraquedista</p> <p>Demora no salto de avião levou a pensar em desistir</p> <p>Expectativa diferente da realidade que levou a sentir-se dececionado</p> <p>Todos os dias são difíceis no período de instrução</p> <p>Sufrimento</p>
---	--	---

<p>Considera que a experiência de saltar pela primeira vez foi ótima e das melhores que já teve. Refere que se sentia em pânico mas que gostou muito.</p>	<p>E- hum, hum... E como é que foi depois a experiência do primeiro salto de paraquedas?</p> <p>P4- Foi ótima. Foi dos melhores saltos que já tive e... e foi muito... foi muito boa, como é óbvio.</p>	<p>Salto como das melhores experiências que já teve</p> <p>Sentimento de pânico</p>
	<p>E- Como é que te sentias?</p> <p>P4- Em pânico, claro, sempre em pânico, mas gostei muito.</p>	<p>Gostou muito</p>
<p>Conta que não sabe nada da história dos paraquedistas mas que acredita que escolheu a melhor tropa e não se arrepende, apesar de achar algumas coisas ridículas.</p>	<p>E- E fala-me da tua experiência de ser soldado paraquedista. Como é que é para ti, o que é que é, para ti, ser soldado paraquedista.</p> <p>P4- Como soldado paraquedista, digote já, eu, apesar de não saber nada sobre a tropa e sobre os paraquedistas, ainda hoje acredito que escolhi a melhor. Não ‘tou arrependido de ter ido para onde fui. Ainda hoje há muita coisa que considero ridícula na tropa em geral, mas não ’tou arrependido de ter ido para os paraquedistas. Isso é certo.</p>	<p>Desconhecimento da história dos paraquedistas</p> <p>Sem arrependimentos da sua escolha</p> <p>Melhor tropa</p> <p>Determinadas “coisas” ridículas na tropa</p>
<p>Os paraquedistas são a tropa em que mais se identifica, apesar de não conhecer bem as outras, mas sente que escolheu bem.</p>	<p>E- E o que é que te leva a dizer que foi a escolha certa?</p> <p>P4- Porque... não sei, pá. Em relação aos outros tipos de tropas, é onde me identifico mais, é nesta. Se bem que não conheço muito das outras, mas... não sei, tenho aquela sensação que escolhi mesmo bem.</p>	<p>Identificação com os paraquedistas</p> <p>Sentimento de que fez uma boa escolha</p>

<p>Considera que a experiência o mudou, tanto na tropa como no exterior. Considera que os paraquedistas se tornam mais insensíveis, frios e ganham outra resistência.</p> <p>Refere que não se recorda de nada.</p> <p>Refere que sente que é soldado paraquedista quando cantam o hino</p>	<p>E- E sentes que esta experiência te mudou?</p> <p>P4- Sim, de certa maneira, penso que sim.</p> <p>E- Em quê?</p> <p>P4- Tanto na tropa como cá fora. Não sei, eu acho que a malta ao fim de passar por aquilo tudo fica um bocado mais... mais insensível, talvez. Mais fria. Ganha outra resistência, ‘tás a ver?</p> <p>E- hum hum. Pronto... para terminar, existe assim algum aspeto ou alguma experiência, ou até mesmo alguma história que consideres que seja fundamental e que queiras partilhar comigo?</p> <p>P4- Sinceramente, agora assim não me lembro de... não sei Liliana, sei lá... Não sei, não consegues ser mais específica? Sei lá, não ‘tou a ver agora assi...</p> <p>E- Não sei, alguma coisa que tenhas passado e que tenhas sentido que... ou algum momento que possas ter ‘tido, em que passaste por uma experiência e pensaste “ok, sinto mesmo que isto é ser soldado paraquedista”.</p>	<p>Sentimento de mudança na tropa e no exterior</p> <p>Mais insensível</p> <p>Frio</p> <p>Mais resistente</p>
---	--	---

<p>formados e passam por certas praxes juntos.</p> <p>Acredita que existem coisas que podem ser trazidas para o mundo exterior a nível físico e mental. Considera que são levados ao limite e que era impensável para ele correr tantos kms e passar muito tempo sem dormir, e isso mudou e são coisas que considera que dão jeito no mundo exterior.</p>	<p>P4- Pá, isso acontece-me muitas vezes, sei lá... quando cantamos o hino formados, sei lá. Quando nos estão a dar certas praxes, todos juntos, isso está sempre a acontecer. Ainda hoje.</p> <p>E- E sentes que existe alguma coisa que... que aprendeste enquanto estás nos paraquedistas, que consegues trazer para o mundo cá de fora?</p> <p>P4- Sim... tanto fisicamente como mentalmente. Estás ali, eles levam-nos ao limite e então sabemos que... eu era, antes de ir para lá era impensável, sei lá, correr tantos quilómetros seguidos e ‘tar tanto tempo sem dormir, achava isso impensável, e afinal não. É possível e bem possível até. E isso até nos dá jeito cá para fora, para um futuro trabalho, digo eu.</p> <p>E- Pronto, obrigada pela tua participação.</p>	<p>Sentimento de ser paraquedista quando canta o hino formado e passa por certas praxes com os colegas</p> <p>Sentimento de que é levado ao limite</p> <p>Mudança na crença do que é capaz de fazer (correr km’s seguidos, passar muito tempo sem dormir</p> <p>Características transponíveis para o mundo exterior</p>
---	---	---

Anexo D – Tabelas dos Temas Emergentes

Temas Emergente P1

- Interesse pela vida militar que surge na infância
- Possibilidade de arrependimento se não seguisse a carreira militar
- Paraquedistas como 2ª opção
- Falta de conhecimento das vertentes das Forças Armadas
- Escolha motivada pelo desemprego
- Interesse nos saltos de paraquedas
- Atração pela adrenalina, por novas experiências, pelo prestígio da Tropa Paraquedista e pelo privilégio
- Preparação prévia para a recruta
- Comparação com outros recrutas
- Período de instrução difícil e eliminatório
- Paraquedistas piores do que esperava
- Dificuldades: muito tempo longe de casa, limitações nas férias, casa longe do quartel, lidar com determinadas regras, dias de chuva, marchas
- Paraquedistas como ditadura
- Mundo rijo e exigente
- Exército necessitado de pessoal, com padrões baixos
- Sofrimento físico e psicológico: cansaço, perda de peso, sentir-se farto
- Pensamento de desistência do curso
- Determinação em terminar o curso
- Pré-salto: nervosismo, medo de o paraquedas não abrir, medo de cair
- Pós-salto: confiança em si, continuação do nervosismo em saltos posteriores
- Experiência incompreensível para civis
- Paraquedistas como mundo à parte
- Gosto pela profissão
- Orgulho
- Física e Psicologicamente forte
- Recomendação da experiência
- Distinção entre homens e meninos
- Novos valores: amizade, respeito, educação, obrigações

- Mudança no modo de relacionamento
- Crescimento a nível pessoal

Temas Emergentes P2

- Escolha de carreira associada a vertente transgeracional: pai paraquedista
- Curiosidade
- Recruta complicada
- Dificuldades: mudança de rotinas, receber e cumprir ordens, acordar cedo, marchas de 30 km
- Sofrimento físico e Psicológico: agressões, sentimento de desvalorização, maus tratos
- Pensamento de desistência
- Força de vontade e foco no ser Paraquedista
- Pré-salto: ansiedade, dores de barriga, bloqueio
- Pós-salto: calma total
- Secretismo
- Orgulho
- Falta de palavras para descrever
- Identificação com os Paraquedistas
- Partilha de sofrimento
- Sentimento de mudança (sem noção se para melhor ou pior)
- Disciplina
- Recomendação da experiência

Temas Emergentes P3

- Educação pró-militar em casa e na escola
- Paraquedistas como 2ª opção
- Vertente transgeracional ligada à escolha da carreira
- Recusa de outra Tropa que não a Tropa Especial

- Dificuldades: prisioneiros de guerra, pressão psicológica, “saber engolir sapos”, testes pesados, chuva
- Sofrimento físico e psicológico: dor psicológica, cansaço
- Curso de combate duro e chocante
- Cabeça a comandar e corpo sem reação
- Pensamento de desistência
- Pré-salto: tranquilidade até ao instante do salto, assustador, colocação da escolha dos paraquedistas em causa, medo que o paraquedas não abrisse
- Pós-salto: lembrança de tudo o que viu e sentiu, inesquecível
- Emoção ao receber a boina
- Conseguido através do seu esforço
- Alcançou sozinho
- Misto de memórias de tudo o que passou
- Pensamento no familiar que era paraquedista
- Orgulho
- Soldado paraquedista diferente dos outros: especial, melhor
- Sentimento de utilidade para o país e para a unidade
- Falta de palavras para descrever
- Serviço ao país
- Força de crer
- Psicologicamente capaz de lidar com situações indutoras de stress
- Características vindas da educação
- Disciplina
- Capacidade de receber ordens
- Não questionar
- Saber ouvir
- Confiança nos pares
- Proteção entre si
- Brio no trabalho
- 1º exercício em que se sentiu militar
- Existência de mística
- Transmissão de força e orgulho no que faz

- Hierarquia
- Orgulho nos colegas
- Convívio
- Capacidade de coexistência e boa convivência
- Laços que duram até ao fim da carreira
- Mudança no espírito de corpo
- Camaradagem
- Respeito e reconhecimento dos mais velhos ao atingir o estatuto de paraquedista
- Boa relação com a antiga secção
- Exercício só com praças
- Os melhores do exercício
- Sentimento de que a secção se completava
- Tentativa de animar os colegas através de música e piadas
- Evolução na capacidade de crer
- Sentimento de crescimento
- Conhecimento de novas e diferentes vivências
- Evolução na compreensão da situação financeira do país
- Ajuda aos outros

Temas Emergentes P4

- Não queria continuar os estudos
- Interesse pelos saltos de paraquedas
- Desconhecimento da história e do que engloba ser Paraquedista
- Dificuldades: demora até ao primeiro salto, expectativa diferente da realidade, todos os dias como difíceis, desacordo com determinadas componentes do exército
- Sofrimento
- Sensação de ser levado ao limite
- Sentimento de decepção
- Pensamento de desistência
- Resiliência

- Pré-salto: pânico
- Pós-salto: das suas melhores experiências
- Sem arrependimentos da escolha dos Paraquedistas
- Melhor tropa
- Identificação com os Paraquedistas
- Sentimento de ter feito a escolha certa
- Camaradagem
- Partilha de sofrimento
- Mudança na tropa e no exterior
- Mais insensível
- Frio
- Mais resistente
- Mudança na crença das suas capacidades

Anexo E - Síntese dos Constituintes Essenciais dos Quatro Participantes

P1:

Razões da Escolha	Momentos Críticos	Resiliência	Identidade Paraquedista	Criação de Laços	Mudança
- Características da personalidade - Motivação pelo desemprego - Interesse nos Saltos	- Dificuldades - Sofrimento	- Determinação/ Força de vontade	- Conquista do medo (Salto) - Identidade	- Camaradagem	- No ser - Na forma de ver o mundo

P2:

Razões da Escolha	Momentos Críticos	Resiliência	Identidade Paraquedista	Criação de Laços	Mudança
- Características da personalidade - Vertente transgeracional	- Dificuldades - Sofrimento	- Força de vontade - Foco	- Conquista do medo (Salto) - Identidade	- Partilha do sofrimento	- No ser

P3:

Razões da Escolha	Momentos Críticos	Resiliência	Identidade Paraquedista	Criação de Laços	Mudança
- Características da personalidade - Vertente transgeracional	- Dificuldades - Sofrimento	- Força de vontade	- Conquista do medo (Salto) - Identidade	- Camaradagem - Amizade	- No ser - Na forma de ver o mundo

P4:

Razões da Escolha	Momentos Críticos	Resiliência	Identidade Paraquedista	Criação de Laços	Mudança
- Características da personalidade - Interesse pelos saltos	- Dificuldades - Sofrimento	- Determinação/ Força de vontade	- Conquista do medo (Salto) - Identidade	- Camaradagem - Partilha do sofrimento	- No ser